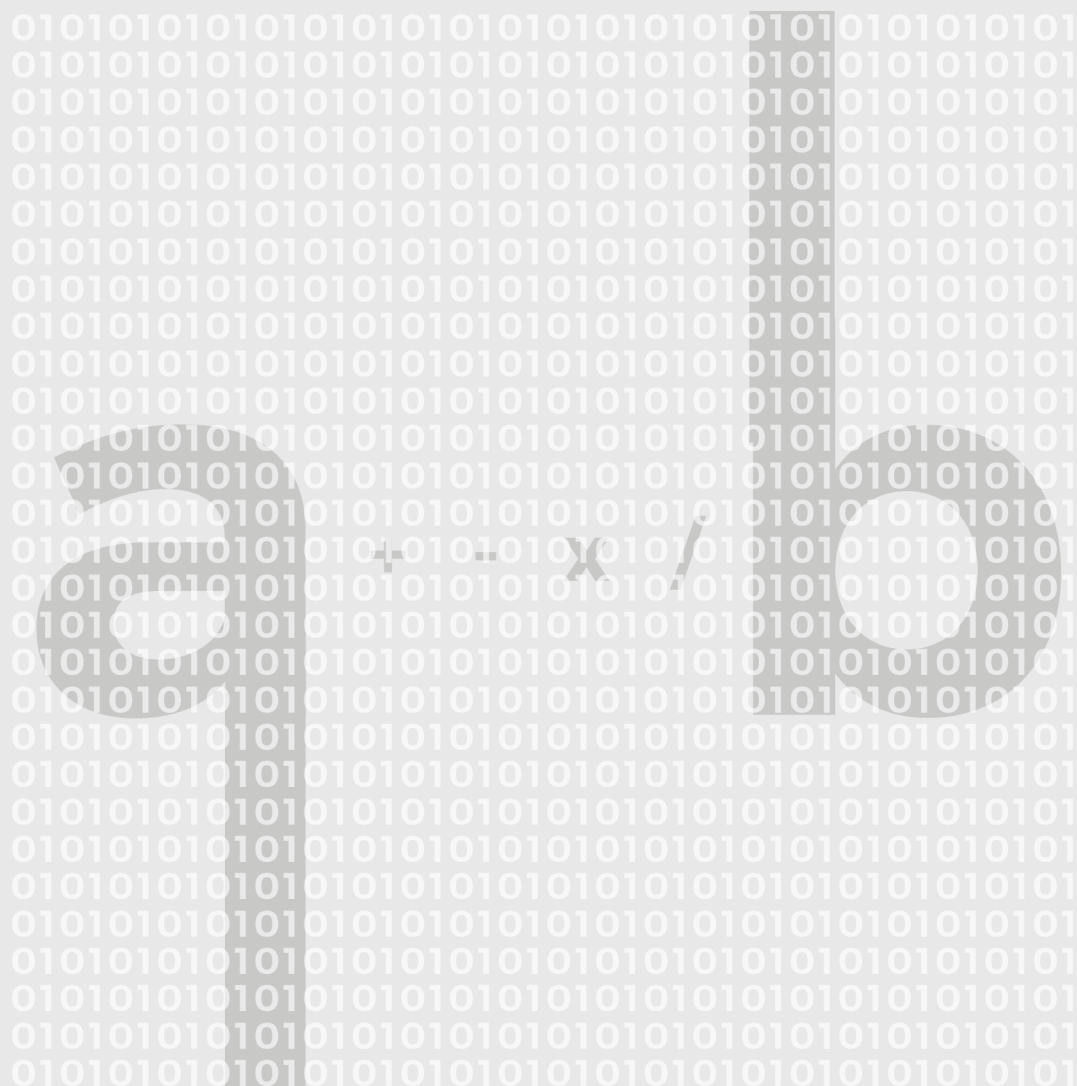


Workshop de Pós-Graduação

Ciência da Informação



V W P G C I 2 0 1 8

Universidade de Aveiro, 16 Nov. 2018

Editores: Óscar Mealha, José Nunes e Liliana Costa

Título

Livro de Resumos Alargados do V Workshop em Pós-graduação em Ciência da Informação 2018

Coordenadores

Óscar Mealha

José Nunes

Liliana Vale Costa

Editora

UA Editora

Universidade de Aveiro

1ª edição – novembro 2018

ISBN

978-972-789-574-8

O **V WPGCI2018** é um evento coordenado pelo Grupo de Trabalho Ciência da Informação da SOPCOM (Coordenação do GT: Ana Lúcia Terra e Óscar Mealha)

O conteúdo de cada um dos textos incluído neste livro de resumos alargado é da inteira responsabilidade dos respetivos autores.



Comissão Organizadora:

Óscar Mealha, Universidade de Aveiro, Portugal
Ana Lúcia Terra, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
José Nunes, Universidade de Aveiro, Portugal
Liliana Vale Costa, Universidade de Aveiro, Portugal
Ana Isabel Veloso, Universidade de Aveiro, Portugal
Lídia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ellen Pereira Nery, Universidade de Aveiro, Portugal

Comissão científica:

Ana Isabel Veloso, Universidade de Aveiro, Portugal
Ana Lúcia Terra, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
António Rosa, Universidade do Porto, Portugal
Armando Malheiro da Silva, Universidade do Porto, Portugal
Carlos Guardado da Silva, Universidade de Lisboa, Portugal
Elisete Correia dos Santos, Universidade Estadual da Paraíba, Portugal
Fernanda Martins, Universidade do Porto, Portugal
Fernanda Ribeiro, Universidade do Porto, Portugal
Georgina Vargas, Inst. Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, México
José Nunes, Universidade de Aveiro, Portugal
Lídia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Liliana Vale Costa, Universidade de Aveiro, Portugal
Maria Graça Simões, Universidade de Coimbra, Portugal
Maria Inês Peixoto Braga, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Maria Inês Peixoto Braga, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Maria Manuela Borges, Universidade de Coimbra, Portugal
Maria Oliveira Zaldua, Universidade Complutense, Portugal
Mariângela Fujita, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Maria Beatriz Marques, Universidade de Coimbra, Portugal
Maria Manuela Pinto, Universidade do Porto, Portugal
Maria Vieira Freitas, Universidade de Coimbra, Portugal
Milena Carvalho, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Olívia Pestana, Universidade do Porto, Portugal
Óscar Mealha, Universidade de Aveiro, Portugal
Susana Martins, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Viviana Fernández Marcial, Universidade da Corunha, Portugal
Zeny Duarte, Universidade Federal da Bahia, Portugal

Programa

Programa

Local Anfiteatro CCI do Departamento de Comunicação e Arte
Universidade de Aveiro | 16 de Novembro de 2018

9h-9h30 Registo

9h30-10h00 Sessão de Boas-vindas
Ana Lúcia Terra, Coord. GT CI, **Rui Raposo**, Diretor DeCA/UA,
Fernando Ramos, Coord. Científico do DigiMedia

10h00-11h00 Comunicações [Sessão 1]
Moderadora: **Ana Lúcia Terra** | ESEIG Instituto Politécnico do Porto

01. Puesta en Valor del Patrimonio Cultural Inmaterial: Diseño de un Modelo de Gestión de la Información
Sofía Vivero López, Orientadora: Viviana Fenández Marcial
Universidade da Coruña
02. A comunicação nos Arquivos Municipais na Área Metropolitana de Lisboa
Gisela Gabriel, Orientador: Carlos Guardado da Silva | Universidade de Lisboa
03. Mediação da Informação através de Plataformas Digitais: Práticas nas Bibliotecas, Arquivos e Museus da Área Metropolitana do Porto
Dayane dos Santos Farias, Orientadora: Maria Elisa Cerveira
Universidade do Porto



11h00-11h15 *Social Break*

11h15-12h15 Comunicações [Sessão 2]

Moderador:

04. Usabilidade do Serviço “e-fatura”: Um Estudo Exploratório com Seniores
Typhanie Macedo, Docente: Ana Isabel Veloso | Universidade de Aveiro
05. Estudo Exploratório da Usabilidade do Skype na População Sénior
Ellen Pereira Nery, Docente: Ana Isabel Veloso | Universidade de Aveiro
06. E-Serviços como Estratégia de Governo Eletrônico: Uma Proposta de Modelo Infocomunicacional
Danilo Barbosa, Orientadora: Maria João Antunes | Universidade da Aveiro



12h30-14h00 Almoço

14h00-15h00 Comunicações [Sessão 3]

Moderadora: **Viviana Fernández Marcial** | Universidade da Coruña

07. Imagem no Jornalismo: A Fotografia como Retrato Definitivo da História
Nilton de Arruda, Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada
Universidade Fernando Pessoa
08. Iniciar el acompañamiento de una investigación participativa en el espacio virtual: inclusionLab
Julia Ruiz-López, Orientadores: Teresa Susinos, Nelson Zagalo | Universidad de Cantabria e Universidade de Aveiro
09. Academia Politécnica do Porto: Contributos para o Estudo de um Sistema de Informação
Júlia Ribeiro, Orientadora: Maria Elisa Cerveira | Universidade do Porto

15h00-16h00 Comunicações [Sessão 4]

Moderador: **Armando Malheiro** | FLUP, Universidade do Porto

10. Covering Atrocity: O Poder de Atração das Imagens Violentas
Nilton de Arruda, Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada
Universidade Fernando Pessoa
11. Imagem e Sujeito: O que há de Comum entre o Cinema e o Jornalismo
Nilton de Arruda, Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada
Universidade Fernando Pessoa
12. Processos de Comunicação e Informação em Plataformas Digitais: Criação de um Protótipo para o Festival de Guarnicê de Cinema
Juliana Campos Lobo, Orientadora: Maria João Antunes | Universidade de Aveiro



16h00-16h15 *Social Break*

16h15-17h15 *Keynote*

Gestão da Informação versus Preservação da Memória, na Era Digital

Fernanda Ribeiro, Faculdade de Letras, Universidade do Porto

17h15-17h30 Sessão de Encerramento

Óscar Mealha, Coord. CO WPGCI2018, Universidade de Aveiro

Preâmbulo

O V Workshop de Pós-Graduação em Ciência da Informação (**V WPGCI2018**) é uma iniciativa do GT de Ciência da Informação da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM - www.sopcom.pt). Este ano será organizado pelo Departamento de Comunicação e Arte (www.ua.pt/deca) e pela Unidade de Investigação em Media Digital e Interação (DigiMedia - digimedia.web.ua.pt) da Universidade de Aveiro. Este evento ocorre no momento em que se celebram 25 anos da Licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação, um dos contributos pioneiros da área científica de "Ciências e Tecnologias da Comunicação" para as Ciências da Comunicação em Portugal.

O **V WPGCI2018** pretende ser um fórum de divulgação, discussão e partilha da investigação que está a ser realizada, ao nível do 2º e 3º ciclo, em todas as áreas temáticas enquadráveis no âmbito da Ciência da Informação.

Trata-se de um espaço consagrado à apresentação e discussão pública de trabalhos de pós-graduação em Ciência da Informação, selecionados por dupla revisão cega, que permite aos mestrandos e doutorandos obter uma perspetiva externa dos seus trabalhos de investigação.

O evento acolhe trabalhos de mestrado/doutoramento ainda em curso ou concluídos depois de um ano, à data de 31 de maio de 2017, em instituições de ensino superior portuguesas ou estrangeiras.

Coordenação do GT em Ciência da Informação da SOPCOM,

Ana Lúcia Terra e Óscar Mealha

Índice

Keynote

Gestão da Informação versus Preservação da Memória, na Era Digital <i>Fernanda Ribeiro</i>	12
---	----

Comunicações

Puesta en Valor del Patrimonio Cultural Inmaterial: Diseño de un Modelo de Gestión de la Información <i>Sofía Vivero López, Orientadora: Viviana Fernández Marcial</i>	15
A Comunicação nos Arquivos Municipais da Área Metropolitana de Lisboa <i>Gisela Garcia Gabriel, Orientador: Carlos Guardado da Silva</i>	22
Mediação da Informação através de Plataformas Digitais: Práticas nas Bibliotecas, Arquivos e Museus da Área Metropolitana do Porto <i>Dayane dos Santos Farias, Orientadora: Maria Elisa Cerveira</i>	29
Usabilidade do Serviço “e-fatura”: Um Estudo Exploratório com Seniores <i>Typhanie Macedo, Docente: Ana Isabel Veloso</i>	32
Estudo Exploratório da Usabilidade do Skype na População Sénior <i>Ellen Pereira Nery, Docente: Ana Isabel Veloso</i>	37
E-Serviços como estratégia de governo eletrónico: uma proposta de modelo infocomunicacional <i>Danilo Santos Barbosa, Orientadora: Maria João Antunes</i>	43
Imagem no Jornalismo: A Fotografia como Retrato Definitivo da História <i>Nilton Marlúcio de Arruda,</i> <i>Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada</i>	46
Iniciar el acompañamiento de una investigación participativa en el espacio virtual: inclusionLab <i>Julia Ruiz-López</i> <i>Orientadores: Teresa Susinos, Nelson Zagalo</i>	52

Academia Politécnica do Porto: contributos para o estudo de um Sistema de Informação	
<i>Júlia Ribeiro, Orientadora: Elisa Cerveira</i>	58
Covering atrocity: o poder de atração das imagens violentas	
<i>Nilton Marlúcio de Arruda,</i> <i>Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada</i>	67
Imagem e sujeito: o que há de comum entre o cinema e o jornalismo	
<i>Nilton Marlúcio de Arruda</i> <i>Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada</i>	72
Processos de comunicação e informação em plataformas digitais: criação de um protótipo para o Festival Guarnicê de Cinema	
<i>Júliana Campos Lobo, Orientadora: Maria João Antunes</i>	77

Keynote

Gestão da Informação versus Preservação da Memória, na Era Digital

Fernanda Ribeiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo: O conceito de ‘memória’ é indissociável do de ‘informação’ uma vez que os dois remetem para a dimensão cognitiva do ser humano. Partindo do conceito de “memória” e das abordagens feitas por autores como, por exemplo, Jacques Le Goff, e tomando como base também o conceito de “informação”, entendido como um fenómeno humano e social, com raízes na própria mente humana, discutem-se as relações entre estas duas noções e suas interconexões. Seguidamente, aborda-se a Ciência da Informação enquanto campo do saber onde a informação e a memória têm lugar central e procura-se mostrar como é que todas as aceções em que o termo “memória” é usado têm um enquadramento pleno na componente aplicada da Ciência da Informação. Dá-se particular realce à questão da preservação da memória como fator identitário e aos problemas com que o gestor da informação precisa lidar por força da revolução tecnológica que nos impeliu para a chamada Sociedade Digital (ou em Rede, no dizer de M. Castells).

Perspetivando-se a atuação do profissional de CI no quadro de um novo paradigma, que se caracteriza mais por um enfoque no acesso e uso da informação e na gestão eficaz dos sistemas de informação do que na custódia e na aplicação de normas de representação descritiva é legítimo colocar as seguintes questões: será a preservação da memória compatível com a gestão da informação para fins operativos? será essa preservação parte indissociável de uma gestão de informação de qualidade?

Da exposição discursiva pretende-se que se torne claro que a resposta às duas perguntas só pode ser positiva. Com efeito, uma gestão da informação com eficiência será a melhor forma de contribuir para a preservação da memória orgânica, garantindo a sua integridade, autenticidade e valor informacional, quer para a respetiva entidade produtora, quer para os historiadores e outros investigadores que desenvolvem estudos sobre o passado ou buscam nos exemplos pretéritos lições para uma ação prospetiva, baseada em boas práticas conhecidas ou evitando repetir erros geradores de insucesso.

E, porque a memória não existe sem informação, é pertinente remeter de novo para Jacques Le Goff: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória colectiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 1984:47).

Referências:

- Castells, M. (2002). *A Era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1 - A Sociedade em rede*. Lisboa, PT: Serviço de Educação e Bolsas, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Damásio, A. (2000). *O Sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência* (3.ªed.). Lisboa, PT: Publicações Europa-América.
- Damásio, A. (2010). *O Livro da Consciência: a construção do cérebro consciente*. Lisboa, PT: Círculo de Leitores.
- Gleick, J. (2012). *Informação: uma história, uma teoria, um dilúvio*. Lisboa, PT: Círculo de Leitores.
- Le Goff, J. (1984). Memória. In *Enciclopédia Einaudi Memória-História* (Vol.1, pp.11-50). Lisboa, PT: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Guillaume, M. (2003). *A Política do Património*. Porto: Campo das Letras.
- Oliveira, E. B. (2010). *O Conceito de Memória na Ciência da Informação no Brasil: Uma Análise da Produção Científica dos Programas de Pós-Graduação* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasil.
- Ribeiro, F. (2017). Memória, Informação e Ciência da Informação: relações e interdependências. In E. B. de Oliveira and G. M. Medleg (Eds.), *Memória: Interfaces no campo da Informação* (pp. 109-139). Brasília, BR: Editora Universidade de Brasília.
- Silva, A. M. (2006). *A Informação: da compensação do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, CETAC.COM.
- Silva, A. M.; Ribeiro, F. (2002). *Das “Ciências” Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, CETAC.COM.
- Wilden, A. (2001). Informação. In *Enciclopédia Einaudi Comunicação, Cognição* (Vol.34). Lisboa, PT: Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Comunicações

Puesta en Valor del Patrimonio Cultural Inmaterial: Diseño de un Modelo de Gestión de la Información

Sofia Vivero López, Orientadora: Viviana Fernández Marcial
Universidade da Coruña

Fundamentos teóricos: El patrimonio cultural es un constructo social, contextualizado en un lugar y tiempo determinados y orientado hacia fines concretos. El patrimonio proporciona riqueza cultural a las generaciones presentes y futuras, así como su sentido de la identidad. La noción de patrimonio está caracterizada por su capacidad para representar de manera simbólica la identidad (Prats, 1997).

El destino de los bienes patrimoniales se fija a posteriori, en un proceso de selección en donde se les atribuyen nuevas funciones (Choay, 2007). La patrimonialización dependerá de los agentes sociales, como los gobiernos, los agentes académicos y los gestores culturales. Pero la UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation) reconoce que los grupos sociales también pueden proponer procesos de patrimonialización.

Para la conservación del patrimonio cultural inmaterial (PCI), la UNESCO (2003) propone la aplicación de medidas como la identificación, recuperación, documentación, preservación, protección, valorización, transmisión, promoción y revitalización. Pese a los esfuerzos de esta y otras iniciativas, la riqueza del PCI es inmensa, y se corre el riesgo de que gran parte de la misma pueda ser olvidada. Debido a la fragilidad sustancial del PCI, el problema que se aborda en esta investigación es cómo proteger, organizar y poner en valor este tipo de patrimonio.

Objetivos: El objetivo principal de la investigación es diseñar un modelo de gestión de la información para la documentación del PCI de manera sistemática, basado en los criterios de recuperación, organización, catalogación, y promoción. Para llevar a cabo el objetivo principal, se plantean los siguientes objetivos específicos:

- 1) Elaborar el marco teórico y conceptual, fundamentado en los ámbitos de estudio de la organización del conocimiento, documentación del patrimonio y marketing cultural.
- 2) Estudiar y analizar los métodos de inventario, representación y transmisión del PCI de organizaciones nacionales e internacionales.
- 3) Desarrollar una metodología basada en los principios de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC), así como en la participación ciudadana.
- 4) Elaborar un plan de promoción para impulsar y dinamizar una estrategia de visibilidad y logro de valor añadido.

Método:

El documento de referencia para posteriores trabajos de conservación es la Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites (1964), conocida como Venice Charter. Los esfuerzos por revisar y ampliar la noción de patrimonio estarán presentes en posteriores acuerdos, en organizaciones como la UNESCO y el ICOMOS (International Council on Monuments and Sites), pero será en el año 2003 cuando se produce un avance cualitativo en la protección del PCI.

Significación de la cultura inmaterial

La preocupación por los valores inmateriales se recoge en la Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage (2003), documento de la UNESCO que proyecta una visión integradora del patrimonio intangible. En el artículo 2 se define el PCI como

the practices, representations, expressions, knowledge, skills – as well as the instruments, objects, artifacts and cultural spaces associated therewith – that communities, groups and, in some cases, individuals recognize as part of their cultural heritage. (...) transmitted from generation to generation, is constantly recreated by communities and groups in response to their environment, their interaction with nature and their history, and provides them with a sense of identity and continuity, thus promoting respect for cultural diversity and human creativity. (...) is compatible with existing international human rights instruments, as well as with the requirements of mutual respect among communities, groups and individuals, and of sustainable development.

La importancia del patrimonio cultural inmaterial radica en el “conjunto de conocimientos y técnicas que se transmiten de generación en generación” UNESCO

(s.f. a), no en la manifestación cultural en sí misma. El fundamento de los fenómenos patrimonio vivo es el continuo cambio a que están sometidos (Arizpe, 2013). Así mismo, la comprensión del significado de los bienes patrimoniales inmateriales radica en los portadores de cultura (Bortolotto, 2010). Esta separación del modelo conservacionista se produce no sin dificultades, como apunta Aikawa-Faure (2004).

Categorización de formas y manifestaciones inmateriales

Las listas son la herramienta fundamental que utiliza la UNESCO para proporcionar visibilidad al legado inmaterial. Los elementos se categorizan atendiendo a la clasificación, en cinco ámbitos, propuesta en la Convention (2003): a) tradiciones y expresiones orales, incluido el idioma como vehículo del patrimonio cultural inmaterial; b) artes del espectáculo; c) usos sociales, rituales y actos festivos; d) conocimientos y usos relacionados con la naturaleza y el universo; y e) técnicas artesanales tradicionales.

En relación con la clasificación realizada por las distintas naciones, el Inventario Nacional del Patrimonio Cultural Inmaterial del Portugal presenta estas secciones: a) artes del espectáculo; b) conocimientos y usos relacionados con la naturaleza y el universo; c) usos sociales, rituales y actos festivos; d) técnicas artesanales tradicionales; y e) tradiciones y expresiones orales. Otro ejemplo es el Atlas del Patrimonio Inmaterial de Andalucía, registra los conocimientos y técnicas de la cultura andaluza según la siguiente clasificación: a) rituales festivos; b) oficios y saberes; c) modos de expresión; y d) alimentación y sistemas culinarios.

Estos trabajos ejemplares sobre el PCI giran en torno a la clasificación propuesta por la UNESCO. La interpretación de los cinco ámbitos recogidos en la Convention es amplia, y serán las determinaciones culturales las que condicionen los desafíos en la caracterización del legado inmaterial.

Propuesta de un modelo de gestión de la información del patrimonio inmaterial

El patrimonio se transforma en el proceso de uso, y las repercusiones del cambio condicionan la creación de nuevos significados (1996, Choo); se utiliza la información para el desarrollo de identidades y la construcción de identidades nuevas. Y al identificar, en cada caso, los pilares de la cultura de la memoria (Hall y Gay, 1996),

también es necesario tener en cuenta los valores, enraizados en el contexto social (Smith y Campbell, 2018).

Hay autores que sitúan la autenticidad del hecho inmaterial en la documentación sobre el patrimonio. En esta línea, Querol argumenta:

La única manera de ‘proteger’ estos bienes sin cuerpo es documentándolos, estudiando cómo son, cómo se manifiestan... y cómo cambian. Lo que hay que ‘conservar’ es esa documentación. En muchos casos será la única forma de que las generaciones futuras sepan que existieron y cómo eran (2010, p. 247).

Teniendo en cuenta estas consideraciones, se trabaja en el desarrollo de un modelo de gestión de la información para documentar y poner en valor el PCI, respetando sus rasgos y peculiaridades, priorizando los usos, además de su conservación perenne (Ballart Hernández y Tresserras, 2001). Igualmente, se establecen acciones complementarias para el procesamiento y diseminación de la información, dentro del planteamiento cognoscitivo de la Information Science (Debons, Horne y Chowdhury, 1998) y desde una perspectiva integradora del hecho inmaterial (Vickery y Vickery, 2004).

El modelo de gestión presenta una metodología documental con aplicación en el entorno de las TIC, fomentando la participación ciudadana. Entre las políticas de colaboración abierta (crowdsourcing) destaca la creación de contenidos (crowdcontent). Se perfila que el dominio de lo digital reconfigura cada vez más las relaciones de las personas con la cultura (Anglada, 2014).

La estrategia documental deberá ser sistemática, basada en criterios de selección identitarios, territoriales, dinámicos, participativos y de sostenibilidad (Carrera Díaz y Álvarez Bejarano, 2017). Atendiendo al método empírico-analítico, en la metodología documental confluyen técnicas cualitativas, como el análisis documental la entrevista en profundidad, la observación directa y los grupos de discusión, y técnicas cuantitativas, como el análisis estadístico.

Un ejemplo de iniciativa documental del PCI es la realizada en la comunidad subanen de Filipinas (2003-2004), que llevó a cabo un proyecto de autodocumentación sobre los conocimientos autóctonos de las plantas de la región. Con la ayuda de expertos

externos, los ancianos proporcionaron el caudal de conocimientos y los jóvenes documentaron la información. (UNESCO, s.f. b).

Promoción y puesta en valor de la cultura viva

Se delimita una estrategia de promoción y puesta en valor del modelo informacional, en su proyección digital, lo cual proporcionará impacto y visibilidad tanto al modelo como a los resultados. Se enuncia la promoción como una de las herramientas clave del marketing mix. Como indica Fernández Marcial:

La promoción es el último de los elementos de las 4Ps. Esta posición dentro del mix refleja su rol y cometido. Solo cuando se han definido los tres elementos anteriores será posible diseñar un plan de promoción (2015, p. 70).

La finalidad es superar la imagen de un modelo de gestión de la información como depósito, y posicionarlo como lugar de interacción y prolongación del PCI. En consecuencia, se conforman nuevos espacios digitales de encuentro y reflexión sobre los valores patrimoniales.

Resultados y discusión: Las necesidades de protección y cuidado de lo inmaterial sobrepasan las prácticas conservacionistas sustentadas en un régimen de objeto. La designación patrimonial basada en una concepción antropológica, de tendencia holista, permite identificar de manera más integradora constelaciones tan complejas como las formas de vida, así como aprehender las manifestaciones del itinerario inmaterial a través de los portadores de cultura. El diseño del modelo de gestión de la información constituye una propuesta epistemológica y metodológica para documentar esta ontología huidiza. El modelo se proyecta viable como instrumento y método de trabajo para realizar avances en el conocimiento teórico, conceptual y científico. La promoción del modelo, en su vertiente digital, permite comunicar la importancia de lo inmaterial, sensibilizar sobre los valores inmateriales y difundir nuevo conocimiento. Sobre la utilidad y proyección de la investigación, se identifican estas contribuciones: Reconocimiento de grupos e individuos; Aprovechar los conocimientos para el devenir de la vida cotidiana; Fomentar el respeto por la diversidad cultural y la creatividad humana; Impulsar una pedagogía del patrimonio, atendiendo al respeto y al desarrollo sostenible; Ser objeto de estudio para posterior investigaciones sobre el PCI.

Referências:

- Aikawa-Faure, N. (2009). From the Proclamation of Masterpieces to the Convention for the Safeguarding of Intangible Cultural Heritage. En L. Smith y N. Adagawa (Eds.). *Intangible Heritage*. London: Routledge, 13-44.
- Anglada, L. (2014). De qué hablamos cuando hablamos de políticas de información. *El profesional de la información*, 23(2), marzo-abril, 105-111. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2014.mar>
- Arizpe, L. (2013). Singularity and Micro-Regional Strategies in Intangible Cultural Heritage. En L. Arizpe y C. Amescua (Eds.). *Anthropological Perspectives on Intangible Cultural Heritage*. London: Springer, 17-36.
- Ballart Hernández, J., y Tresserras, J. J. i (2001). *Gestión del patrimonio cultural*. Barcelona: Ariel.
- Bortolotto, C. (2010). Globalising Intangible Cultural Heritage? Between International Arenas and Local Appropriations. En S. Labadi y C. Long (Eds.) *Heritage and Globalisation*. New York: Routledge, 97-114.
- Carrera Díaz, G., y Álvarez Bejarano, I. (2017). Documentación del patrimonio inmaterial. En C. Valle Muñoz, S. Fernández Cacho y J. A. Arenillas Torrejón (Coords.). *Introducción a la documentación del patrimonio cultural*. Sevilla: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 115-137.
- Choay, F. (2007). *Alegoría del patrimonio*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Choo, C. W. (1996). The knowing organization. How organizations use Information to construct meaning, create knowledge, and make decisions. *International Journal of Information Management: The Journal for Information Professionals*, 11(1), 329-340. doi:org/10.1016/0268-4012(96)00020-5
- Debons, A., Horne, E, y Cronenweth, S. (1998). *Information science: Integrated view*. Boston: G.K. Hall.
- Fernández Marcial, V. (2015). Marketing mix de servicios de información: valor e importancia de la P de producto. *Bibliotecas. Anales de Investigación*, (11), 64-78. Recuperado de <http://revistas.bnjm.cu/index.php/anales/article/view/3387>
- Prats, L. (1997). *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Ariel.
- Querol, M. A. (2010). *Manual de Gestión del Patrimonio Cultural*. Madrid: Akal.
- Smith, L., y Campbell, G. 2018. The Tautology of 'Intangible Values' and the Misrecognition of Intangible Cultural Heritage. *Heritage & Society*, 10(1), 1-19. doi:10.1080/2159032X.2017.1423225
- UNESCO (2003). *Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage*. <https://ich.unesco.org/en/convention>
- UNESCO (s.f. a). *What is Intangible Cultural Heritage?* Recuperado de <https://ich.unesco.org/en/what-is-intangible-heritage-00003>

UNESCO (s.f. b). La documentación comunitaria contribuye a la viabilidad del patrimonio cultural inmaterial en Filipinas. *Patrimonio Cultural Inmaterial*. Recuperado de <https://ich.unesco.org/es/filipinas-documentacion-de-la-comunidad-00261>

Vickery, B., y Vickery, A. (2004). *Information science in theory and practice*. (3ª ed. rev.). München: K.G. Saur.

A Comunicação nos Arquivos Municipais da Área Metropolitana de Lisboa

Gisela Garcia Gabriel, Orientador: Carlos Guardado da Silva

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Fundamentos teóricos: A revisão da literatura procurou conciliar a bibliografia de referência com a especializada, nomeadamente com recurso a repositórios como o RCAAP, de modo a obter-se uma perspetiva mais alargada da temática em investigação, afigurando-se indispensável para o enquadramento do estudo. O principal conceito em análise foi o da Comunicação em Arquivo, que cada vez mais integra a questão da difusão, promoção e divulgação da informação. Abordaram-se, assim, os principais conceitos e teorias, bem como a relação dos Arquivos com as tecnologias de informação, pois «a combinação da tecnologia e do poder da informação traz novas formas de “como”, “com quem” e “porque” comunicamos» (Alvim, 2009/2010, p. 30). Analisou-se também a ligação entre informação e memória, que fomenta uma cidadania mais ativa e os novos desafios colocados pela Internet, nomeadamente no que concerne à partilha por intermédio das redes sociais, que estimulam a ligação entre indivíduos, proporcionando serviços e aplicações que incentivam colaborações passíveis de produzir inteligência coletiva. Estudou-se igualmente a necessidade de modernização dos canais de comunicação dos Arquivos, enfatizando a importância da função cultural, dos serviços educativos e do marketing, pois urge que a oferta, digital e/ou presencial, seja dirigida aos diferentes tipos de utilizadores de forma a desenvolverem as suas competências e autonomia ao nível da pesquisa e rentabilizar recursos que robusteçam a imagem do arquivo e o papel dos arquivistas enquanto mediadores e agentes sociais.

Objetivos: A comunicação visa apresentar, em síntese, a dissertação de Mestrado que analisou a comunicação nos 18 Arquivos Municipais da Área Metropolitana de Lisboa (AML): Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Odivelas, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Vila Franca de Xira. A realidade destes municípios, que contam com quase 3 milhões de habitantes, o que corresponde a cerca de ¼ da população portuguesa, pareceu constituir um bom exemplo para a averiguação do nível de investimento na comunicação da informação preservada, podendo também contribuir para o

aprofundamento do conhecimento sobre o panorama nacional neste domínio. Pretendeu-se, assim, perceber a forma como os seus Arquivos se adaptaram (ou não) aos desafios da sociedade da informação, nomeadamente ao nível da consulta física e digital da informação que preservam e do modo como utilizam a Internet para a disponibilização da sua informação e comunicação dos serviços e iniciativas desenvolvidos.

Método: O estudo teve por base a seguinte pergunta de partida: De que forma os Arquivos Municipais da AML gerem a sua comunicação, acrescentando-lhe valor organizacional, de modo a posicionarem-se em vantagem no mercado da informação? Para a concretização deste intento recorreu-se à pesquisa documental das páginas da Internet dos Arquivos Municipais ou, quando estas não existiam, dos sites dos municípios em questão, averiguando, por exemplo, se dispunham de base de dados online, instrumentos de acesso à informação em *pdf*, descrição multinível, objetos digitais online, serviço educativo ou exposições virtuais. Procedeu-se também à pesquisa documental de blogues, do *Twitter* e do *Flickr*, de forma a apurar se os Arquivos Municipais tinham representação a este nível, bem como à recolha de dados por meio de inquéritos por questionário, enviados através da plataforma de armazenamento de dados online *Google Forms*, do *Google Drive*. Efetivou-se igualmente a observação direta não participante das páginas de *Facebook* dos Arquivos em análise ou, quando não existiam, dos respetivos municípios, durante os meses de abril e maio de 2017, de modo a perceber se os arquivos estavam presentes no *Facebook* do município ou se dispunham de conta própria nesta rede social, registando também o número de publicações, o tipo de informação associada e o nível de adesão do público. Por se tratar de um estudo inédito, os dados recolhidos não puderam ser comparados com outras investigações.

Resultados: A análise estatística das 16 respostas obtidas permitiu alcançar uma perspetiva global de questões transversais, como a regulamentação e organização, os recursos humanos, as instalações e acervo, o acesso à documentação, as atividades de caráter pedagógico, cultural, científico ou social desenvolvidas, bem como a sua presença na Internet e os obstáculos e desafios que se lhes colocam, nomeadamente a falta de recursos humanos e materiais e as deficientes condições de conservação e preservação da documentação, num período em que, «em consequência do regime de total abertura e permanente escrutínio público, nunca

antes foi tão delicado comunicar enquanto organização» (Monteiro; Almeida; Campos, 2014, p. 144). Note-se que os Arquivos Municipais de Alcochete e da Moita não responderam ao questionário, não tendo sido possível também encontrar informações nos sites destas Câmaras Municipais, o mesmo sucedendo no *Facebook*.

Dos 176 Técnicos Superiores em atividade nestes Arquivos apenas 9 dispõem de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação, na vertente de Arquivo ou equivalente e 40 de pós-graduação na mesma área. Desta forma, a maioria é apenas detentora de uma licenciatura que não em Ciências da Documentação e Informação (Arquivo) ou equivalente. Refira-se que 15 dos Arquivos Municipais, ou seja, 93,8%, contam com Técnicos Superiores, constituindo Vila Franca de Xira a única exceção, ainda que dois dos seus assistentes técnicos sejam licenciados.

No que concerne aos meios de comunicação utilizados para pedidos de consulta não presencial por utilizadores externos, em 2016, apenas 10 municípios nos responderam a esta questão. Sendo evidente a crescente relevância do correio eletrónico, que atingiu, por exemplo, 100% dos pedidos no Arquivo Municipal de Odivelas e 75% no Montijo, há ainda que reter a importância do telefone, que representou 70% e 67% dos pedidos recebidos pelos Arquivos Municipais de Oeiras e de Vila Franca de Xira, respetivamente. Refira-se que o Arquivo Municipal de Setúbal associou 90% dos pedidos a “Outros”, visto que estes lhe chegam sobretudo através do sistema de gestão documental, nomeadamente por requerimento. O mesmo sucede em Cascais, com 27% de pedidos rececionados por esta via. Já em Lisboa 64% dos pedidos foram recebidos através do *site*. Nenhum município registou a receção de pedidos por intermédio das redes sociais.

Entre os detentores de bases de dados online, isto é, 50% dos 16 Arquivos Municipais respondentes (Almada, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira), o Arquivo Municipal de Lisboa é o que conta com mais utilizadores, registos e imagens online, seguido dos de Cascais e de Mafra. Lisboa, Loures e Setúbal possuem página própria na Internet, sendo de notar que o Arquivo Municipal da Amadora não dispõe sequer de representação no site do município, à semelhança do que acontece com os Arquivos Municipais de Alcochete e da Moita.

No que concerne à presença em blogues e redes sociais apurámos que nenhum dos respondentes possui blogue ou conta de Twitter própria. No entanto, alguns contam

com representação nas páginas de Facebook dos seus municípios, como sucede com os Arquivos Municipais de Cascais, Setúbal e Oeiras. Já os Arquivos de Lisboa, Loures e Palmela dispõem de conta própria no Facebook. Refira-se, ainda, que o Arquivo Municipal de Cascais é o único a possuir com uma conta própria no *Flickr*.

A análise das respostas obtidas através do questionário acerca dos obstáculos que impedem ou limitam o acesso à informação e documentação de arquivo permitiu-nos concluir que a falta de recursos humanos e materiais, bem como a deficiente conservação e preservação da informação/documentação foram os obstáculos considerados mais relevantes. Já no que se refere à pergunta *A disponibilização da informação online poderá afastar os utilizadores dos espaços físicos do Arquivo Municipal, ameaçando a sua existência num futuro próximo?* constatamos que apenas os Arquivos Municipais de Almada e do Barreiro consideram que a disponibilização online poderá, de facto, afastar os utilizadores e ameaçar a sua existência num futuro próximo.

Concluindo, podemos afirmar que a quase totalidade dos Arquivos Municipais respondentes, mais concretamente 94%, está aberta ao público nos dias úteis, com exceção do de Cascais, que estende a abertura para visitação de exposi oes e outros eventos aos fins-de-semana e praticamente a todos os feriados. Apenas o Município da Amadora não dispõe de sala de leitura. A consulta da documenta o tende a ser sobretudo efetuada em suporte papel, ainda que 68,8% dos respondentes também a faculte em suporte digital.

Note-se, por fim, que os pedidos não presenciais, nomeadamente por correio eletr nico, têm vindo a aumentar a sua preponderância. Já as redes sociais não parecem constituir uma prioridade para a maioria dos Arquivos Municipais, que apenas recorrem ao Facebook. Conclui-se, pois, que não obstante a popularidade das redes sociais, a maioria dos Arquivos ainda não erigiu estas ferramentas da Web 2.0 enquanto meios privilegiados de comunica o da informa o e promotoras de inova o, estimulando parcerias destinadas a gerar inteligência coletiva «em que todos são simultaneamente consumidores e produtores de informa o» (Silva, 2014, p. 73).

Tornou-se evidente que a maioria dos Arquivos em análise tende a acrescentar valor organizacional   informa o, de modo a posicionar-se em vantagem neste

competitivo universo, em prol da fidelização ou angariação de públicos, que procuram recursos cada vez mais claros, organizados e fiáveis, sobretudo em suporte digital, uma vez que a Internet permite o acesso remoto à informação, independentemente do local onde se encontra o utilizador e do horário em que procede à consulta.

As novas tecnologias facilitam a comunicação dos Arquivos. Porém, a forma como estes têm aderido à mudança de paradigma é desigual, uma vez que o modo como comunicam a informação se afigura heterogéneo. A análise dos dados recolhidos acerca da comunicação através da Internet permitiu-nos, assim, organizar estes Arquivos em 4 grupos que traduzem diferentes níveis de investimento neste domínio. O primeiro grupo é, então, constituído pelos Arquivos que parecem não apostar no tratamento e comunicação da informação por esta via. O segundo grupo é composto pelos Arquivos que apenas facultam aos utilizadores informações básicas acerca dos serviços que prestam e da documentação que preservam. O terceiro grupo agrega os Arquivos em que a **comunicação da informação é sobretudo efetuada através da disponibilização de uma base de dados online**. Já, o quarto grupo integra os Arquivos que, para além de uma base de dados, disponibilizam online conteúdos mais detalhados e até inovadores.

Esta análise permitiu-nos representar os referidos grupos numa pirâmide por níveis de investimento dos Arquivos Municipais na comunicação através da Internet. O nível 1 agrega os Arquivos com nulo ou fraco investimento ao nível da comunicação da Internet, em que se situam os Arquivos Municipais de Alcochete, Amadora, Moita e Odivelas. O nível 2 agrupa os Arquivos com reduzido investimento a este propósito, em que se inserem os Arquivos Municipais do Barreiro, do Montijo, de Palmela, do Seixal, de Sesimbra e de Setúbal. Já o nível 3 associa os Arquivos com bom investimento neste domínio, como os Arquivos Municipais de Almada, Loures, Mafra, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira. Por fim, o nível 4 destaca os Arquivos com excelente investimento na comunicação online, como os Arquivos Municipais de Cascais e Lisboa.

Conclui-se, assim, que os Arquivos Municipais deveriam aproveitar o potencial das tecnologias de informação para alcançarem um envolvimento ainda mais próximo com o cidadão, na senda de maiores níveis de confiança e participação, promovendo «de um modo mais inteiro, a satisfação de quem os utiliza no dia-a-dia para resolver

problemas ou desempenhar tarefas infocomunicacionais» (Freitas; Silva, 2016, s. p.). O direito de acesso à informação potencia esta importante missão, num período marcado pela aposta na disponibilização de conteúdos em ambientes digitais, para a qual se exigem políticas de comunicação dos arquivos fundamentadas na cooperação e na partilha, fomentando colaborações que possam gerar inteligência coletiva. O desenvolvimento de novas tecnologias de informação tem, pois, contribuído para que a maioria dos Arquivos Municipais da AML aperfeiçoe a acessibilidade dos recursos disponibilizados, de forma a promover a satisfação dos utilizadores. Neste sentido, todos deveriam caminhar para o desenvolvimento de instrumentos de acesso e de comunicação como os já utilizados pelos Arquivos Municipais identificados como de nível 4 na pirâmide de níveis de investimento que criámos para a avaliação desta temática.

Referências:

- ALVIM, Maria Luísa (2009/2010) – Da Blogosfera ao Facebook. **Cadernos BAD**. Lisboa. 1-2 (2009/2010) p. 29-59.
- CERDÁ DÍAZ, Julio (2008) – *Archivos locales en la Web: El futuro en la red*. **VIII Jornadas de Archivos Aragoneses: Compartir archivos**. Huesca. (2008) p. 151-172.
- FREITAS, M. Cristina V. de; SILVA, Carlos Guardado da (2016) – O novo e o atual na Arquivística internacional: a desmaterialização, a interoperabilidade, a organização e o uso da informação em evidência (2011-2016). **Atas do 12.º Encontro de Arquivos Municipais. Arquivos Municipais** [Em Linha]. (2016) [s. p.]. [Consult. 4 jun. 2016]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/arquivosmunicipais/article/view/1560/1470>>.
- GRUPO DE ARCHIVEROS MUNICIPALES DE MADRID (2008) – Los Archivos Municipales y la Administración electrónica (1988-2008). **XII Jornadas de Archivos Municipales: Los Archivos Municipales y la Administración electrónica**. Madrid. (2008) p. 2-35.
- MONTEIRO, David José Marques; ALMEIDA, Filipe; CAMPOS, João (2014) – **Comunicação 2.0: Como o poder da Web influencia decisões e desafia modelos de negócio**. Coimbra: Actual Editora, 2014.
- NOGUEIRA, Marta (2010) – Arquivos na web 2.0: novas oportunidades: Facebook; Flickr; YouTube. **1.º Encontro de Arquivos do Algarve: valorização do património histórico no Algarve**. Alcoutim. (2010) p. 72-90.
- SILVA, Ana Margarida (2014) – Arquivos Municipais na WEB: realidade virtual. **Páginas A&B** [Em linha]. 1 (2014) 72-90. [Consult. 30 out. 2016]. Disponível em WWW: <URL: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasacb/article/view/571/571>>.

SILVA, Ana Margarida; ALVIM, Luísa (2016) – Acesso global à informação local: Arquivos municipais portugueses no Facebook. **Atas do 12.º Encontro de Arquivos Municipais. Arquivos Municipais** [Em Linha]. (2016) [s. p.]. [Consult. 28 ag. 2016]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/arquivosmunicipais/article/view/1568/1477> >.

Mediação da Informação através de Plataformas Digitais: Práticas nas Bibliotecas, Arquivos e Museus da Área Metropolitana do Porto

Dayane dos Santos Farias, Orientadora: Maria Elisa Cerveira
Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Fundamentos teóricos: Com a explosão da Era Digital decorrente do avanço tecnológico, ocorre a necessidade de repensar como a informação é usada e como seu acesso é facilitado. Desafios proporcionados pelo novo ambiente Web, colocaram em pauta uma nova questão a respeito da nova mediação a surgir. Como bem nos assegura Ribeiro (2009), a Web tem causado uma revolução no que tange os processos informacionais. Fica claro a reordenação nos serviços, a mudança no comportamento dos mediadores (arquivos, bibliotecas, tec.) e dos utilizadores.

É possível afirmar que, como consequências do paradigma pós-custodial, surge uma nova forma de mediação que se transforma devido à instalação dos diversos serviços de informação no ciberespaço. (web).

Com o crescente desenvolvimento das TIC, tecnologias de comunicação e informação, as unidades de informação como as bibliotecas, arquivos e museus também expandiram seus espaços para além do físico. Nesse sentido a Internet se configura como um ambiente em que as instituições podem ampliar seus serviços aos utilizadores; uma ferramenta de comunicação e interação que pode ser mais eficaz na disseminação da informação.

Em relação ao uso das tecnologias da informação e comunicação pelas bibliotecas, arquivos e museus, é importante destacar a utilização dos websites e das redes sociais enquanto ferramentas utilizadas por essas unidades de informação, para divulgação e promoção de seus serviços junto ao utilizador.

Diante do exposto, é importante ressaltarmos as diferentes características das plataformas digitais como *Facebook, Blog, Websites, E-mail*, enquanto ambientes digitais utilizados pelas bibliotecas, arquivos e museus para divulgação de seus serviços, além da interação e mediação com os utilizadores.

Objetivos: Este estudo tem como objetivo geral averiguar como ocorre a mediação da informação através das plataformas digitais, geridas pelas bibliotecas, arquivos e museus da área metropolitana do Porto.

Método: O campo de estudo foi constituído pelos 17 municípios da área metropolitana do Porto. Trata-se, portanto, de uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva com abordagem de análise qualitativa e quantitativa. Para a recolha dos dados foi utilizada a metodologia de observação participante, e um inquérito estruturado para analisar e caracterizar as plataformas digitais em relação à atualização da informação, e interação com os utilizadores.

Para além da revisão de literatura e a recolha de dados, foi efetuada uma análise nas plataformas sociais, Facebook, Blog, além de uma análise dos websites dos serviços através de uma grelha adaptada de Amaral e Guimarães (2002) e do Guia de Boas Práticas na Construção de Web Sites da Administração Directa e Indirecta do Estado (2003) com critérios para avaliação dos mesmos.

Resultados: A partir dos resultados obtidos e análise da investigação, evidenciou-se, no entanto, a necessidade de repensar a ampliação e melhorias dos serviços de biblioteca arquivo e museu da AMP em meio digital, assim como a necessidade de envolver profissionais especialmente responsáveis e treinados para mediação da informação através de plataformas digitais. Deste modo, é necessário uma integração entre o meio digital e os recursos humanos para que ocorra uma melhor mediação da informação nesses serviços.

Referências:

- Amaral, S. A. D., & Guimarães, T. P. (2002). Funções desempenhadas pelos sites das bibliotecas universitárias do Distrito Federal. *In Congresso Brasileiro de biblioteconomia, documentação e ciência da informação*. (Vol. 20), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará
- Oliveira, J. N., Santos, L. D. D., & Amaral, L. (2003). Guia de Boas Práticas na Construção de Web Sites da Administração Directa e Indirecta do Estado. Guimarães: Gávea – Laboratório de Estudo e Desenvolvimento da Sociedade da Informação, Universidade do Minho.
- Ribeiro, F. (2009). *O papel mediador da Ciência da Informação na construção da sociedade em rede*. In A responsabilidade social da ciência da informação, 21-38. <http://hdl.handle.net/10216/26612>
- Silva, J. L. C. (2015). Percepções conceituais sobre mediação da informação. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, 6(1), 93-108. DOI: [10.11606/issn.2178-2075.v6i1p93-10](https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v6i1p93-10)

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. (2005). Aspects of literacy assessment: topics and issues from the UNESCO expert meeting.

Wilson, T. D. (1981). On user studies and information needs. *Journal of documentation*, 37(1), 3-15. DOI: [10.1108/eb026702](https://doi.org/10.1108/eb026702)

Wilson, T. D. (2000). Human information behavior. *Informing science*, 3(2), 49-56. – <http://inform.nu/Articles/Vol3/v3n2p49-56.pdf>

Wolffenbüttel, C. R. (2008). Pesquisa qualitativa e quantitativa: dois paradigmas. *Caminhos do Conhecimento*, 1(1). <http://www.fasev.edu.br/revista?q=node/25>

Usabilidade do Serviço “e-fatura”: Um Estudo Exploratório com Seniores

Typhanie Macedo, Docente: Ana Isabel Veloso

Universidade de Aveiro

Fundamentos teóricos: A proporção de população com mais de 65 anos aumentou de 9% em 1960 para 17% em 2015 e espera-se que atinja os 28%, em 2050 [1]. A tecnologia da informação e comunicação (TIC) trouxe benefícios para as comunidades com população sénior, uma vez que, permitiu que estes permanecessem mais tempo independentes, contudo ainda existe uma subutilização das TIC pelas pessoas idosas [2]. Uma das razões para este facto prende-se a uma atitude ambivalente dos seniores: por um lado reconhecem que pode ajudar na própria independência, e por outro lado, sentem que não necessitam da tecnologia [3]. A maior parte dos sistemas computacionais apresentam desenhos de interface para um utilizador experiente e jovem, o que dificulta a utilização pelos seniores [4]. Tem surgido várias investigações feitas em contexto de utilização das TIC pelos seniores que permitem definir guias de usabilidade para a construção de Websites de possível uso pelos idosos [5]. No entanto, uma grande parte dos websites não segue estas diretrizes de usabilidade, dificultando o seu uso, especialmente pelas pessoas idosas. Face a este cenário, a literatura refere que é fundamental que o processo de design das interfaces utilize uma abordagem centrada no utilizador, para que seja mais fácil a sua utilização [6] [7]. O artigo 2º da portaria nº385-H/2017 refere que todos os contribuintes são obrigados a entregar o seu IRS por via eletrónica a partir do 1 de janeiro de 2018 [8]. Entretanto, em 2017 60% dos indivíduos entre os 65 e 74 anos nunca tinham utilizado um computador e em Portugal, apenas 28% da população entre os 65 anos e os 74 anos tinham utilizado a internet em 2016 [9].

Objetivos: O objetivo desta investigação foi verificar se o serviço «e-fatura» é possível de ser usado pela população sénior. Os objetivos específicos foram: 1) Identificar as dificuldades dos seniores na utilização do website no serviço «e-fatura»; 2) Avaliar a usabilidade do website no serviço «e-fatura».

Metodologia: Trata-se de um estudo exploratório centrado numa abordagem metodológica de natureza qualitativa. O estudo foi realizado com uma amostra por conveniência de três seniores, sendo que duas são mulheres. Os critérios de inclusão

definidos foram: idades compreendidas entre os 65 e 80 anos, que nunca tivessem validado faturas e detentores da senha de acesso da página pessoal. Excluíram-se os participantes que apresentassem défices cognitivos e motores e que não soubessem ler e escrever. Previamente à recolha de dados, os participantes receberam informação verbal sobre o propósito do estudo e assinaram o termo de consentimento livre e informado. A recolha de dados decorreu a junho de 2018, no distrito de Braga, e foi feita através da observação participativa do avaliador, ou seja, antes da realização de cada tarefa, o avaliador deu instruções/orientações claras sobre o que deveriam executar. Para atingir os objetivos da investigação, os participantes realizaram as seguintes tarefas propostas pelo avaliador: 1) Entrar no «e-fatura» através do NIF e senha de acesso; 2) Ir até à página de validar faturas, clicando em “Complementar Informações Fatura”; 3) Validar três faturas e “Guardar”. Para realizar-se este estudo, os seniores estiveram em contacto com um computador, com o browser aberto na página «e-fatura», que é o serviço que deve ser acedido para realizar-se a validação de faturas. O instrumento utilizado para recolher os dados foi uma grelha de observação, desenvolvida pelo avaliador e preenchida no final de cada experiência. A grelha de observação contém 4 parâmetros: 1) conclusão das tarefas propostas, classificadas em: “Com sucesso”, “Parcialmente concluída” ou “Não concluída”; 2) tempo para completar a tarefa; 3) pedidos de ajuda feitos pelo sénior; 4) dificuldades dos seniores. Para analisar os dados obtidos na experiência, procedeu-se à análise da grelha de observação de cada participante, utilizando-se as heurísticas definidas por Zaphiris et al. (2005).

Resultados: Cada sénior participante foi designado por uma letra – A, B e C. Os seniores A e B nunca utilizaram um computador e o sénior C apenas utilizou para efeitos da profissão. A tarefa 1 foi classificada como parcialmente concluída, com duração média de 7 minutos. Foram efetuados 5 pedidos de ajuda. As dificuldades identificadas foram: os seniores tiveram dificuldades em inserir o NIF e a senha de acesso nos respetivos campos da página, porque a área clicável não era clara; também clicaram noutras opções, nomeadamente em ícones sem funcionalidade e em ícones decorativos da página para tentar inserir os dados; os seniores não reconheceram a palavra “Autenticar”, que aparece num retângulo imediatamente abaixo dos campos NIF e senha de acesso e com destaque azul, e também foi evidente que estes não perceberam que o facto de clicarem nessa opção permitiria o acesso à sua página pessoal.

A tarefa 2 foi classificada como parcialmente concluída, com duração média de 4 minutos. Foram efetuados 3 pedidos de ajuda. As dificuldades encontradas foram: não encontrar a opção “Complementar Informação Faturas”, na barra de menus; as mensagens da página pessoal, que apareciam num retângulo mais claro, foram lidas com bastantes dificuldades e o seu significado foi impercetível pelos participantes; o sénior C, na tentativa de clicar na área requerida, passou o cursor por cima da barra de menu, que apresentou um menu “pull down”, ocultando a caixa “Complementar Informação Faturas”.

A tarefa 3 foi classificada como parcialmente concluída, com duração média de 12 minutos. Foram efetuados 5 pedidos de ajuda. Como dificuldades, os seniores não sabiam que a coluna da esquerda era a apresentação das próprias faturas e os nomes das mesmas não correspondiam ao nome conhecido pelos participantes; a simbologia dos ícones das faturas não foi reconhecida por nenhum sénior e foi difícil a leitura da legenda; os seniores não associaram o ato de validar uma fatura ao clique no ícone correspondente; nenhum sénior percebeu que era possível fazer scroll na página para visualizar as restantes faturas, assim como não reconheceram a palavra “Guardar” para registar as alterações efetuadas.

Discussão: As heurísticas utilizadas na avaliação dos passos executados na tarefa 1 pertencem às categorias: Design de áreas de interação, Uso de elementos gráficos, Navegação e Uso de cor e fundo. Identificou-se após análise que: a página não fornece dicas de navegação para os seniores porque eles não compreenderam que tinham de clicar num campo específico para poder escrever o seu NIF e senha de acesso, e não foi dado feedback quando os seniores clicaram na área pretendida; são pouco evidentes os campos de preenchimento das suas informações, devido à falta de contraste de cores entre o fundo e as letras e da existência de elementos gráficos sem funcionalidade; notou-se também que a palavra “Autenticar” está inserida num retângulo de cor azul, que é uma cor que deveria ser evitada em websites usados pelos seniores.

As heurísticas utilizadas na avaliação dos passos executados na tarefa 2 pertencem às categorias: Navegação, Design do conteúdo de layout e Uso de cor e fundo. Após a análise identificou-se que: o sénior C deparou-se com o menu “pull down”, que tornou a procura pela área “Complementar Informação Faturas” mais difícil porque o menu sobrepôs-se à informação pretendida pelo sénior; as mensagens na página

peçoal não apresentam contraste suficiente para os seniores, as letras apresentam-se num tamanho muito pequeno e a linguagem não é simples e clara para a compreensão dos participantes.

As heurísticas utilizadas na avaliação dos passos executados na tarefa 3 pertencem às categorias: Design de áreas de interação, Navegação, Características da janela de browser, Design do conteúdo do layout, Uso de cor e fundo e Design do texto. Após a análise identificou-se que: a barra de scroll confundiu os seniores porque desconheciam a existência de outras faturas para validar além das que estavam visíveis na página; apesar dos ícones de associação das facturas terem um significado simples, a cor destes não era suficientemente contrastante com o fundo e os seniores, ao passar o cursor por cima, tinham dificuldade em ler a legenda por causa do tamanho reduzido; para além disso os ícones encontravam-se numa área clicável muito pequena de modo que os participantes clicaram em ícones errados quando tentavam focar-se no ícone pretendido; por fim, demoraram muito tempo para encontrar a palavra “Guardar”, visto que esta se encontrava numa área destacada a verde, outra cor a ser evitada nos websites usados pelos seniores.

Conclusão: O serviço «e-fatura» é muito difícil de ser usado pela população idosa. As dificuldades apresentadas e experienciadas pelos seniores poderiam ser evitadas, assim como o tempo despendido e os pedidos de ajuda em cada tarefa poderiam ser diminuídos, caso o website tivesse tido em conta as linhas orientadoras de usabilidade da web definidas por Zaphiris et al. [6], usadas na avaliação do mesmo. Posto isto, o serviço «e-fatura» não é considerado “amigo dos seniores” porque possui obstáculos que aumentaram as dificuldades dos seniores em utilizar o website.

Referências:

- [1] OCDE, Health at a Glance 2017: OECD Indicators. 2017.
- [2]]B. Niehaves and R. Plattfaut, “Internet adoption by the elderly: Employing IS technology acceptance theories for understanding the age-related digital divide,” *Eur. J. Inf. Syst.*, vol. 23, no. 6, pp. 708–726, 2014.
- [3] S. T. M. Peek, E. J. M. Wouters, J. van Hoof, K. G. Luijkx, H. R. Boeije, and H. J. M. Vrijhoef, “Factors influencing acceptance of technology for aging in place: A systematic review,” *Int. J. Med. Inform.*, vol. 83, no. 4, pp. 235–248, 2014.

- [4] P. Gregor, A. F. Newell, and M. Zajicek, "Designing for dynamic diversity," Proc. fifth Int. ACM Conf. Assist. Technol. - Assets '02, p. 151, 2002.
- [5] S. Ferreira, "Tecnologias de informação e comunicação e o cidadão sénior - Estudo sobre o impacto em variáveis psicossociais e a conceptualização de serviços com e para o cidadão sénior," 2013.
- [6] P. Zaphiris and M. Ghiawadwala, "Age-centered Research-Based Web Design Guidelines," pp. 1897–1900, 2005.
- [7] A. Fisk, W. Rogers, N. Charness, S. Czaja, and J. Sharit, "Involving Older Adults in Research and Usability Studies," in Designing for Older Adults: principles and creative human factors approaches, 2nd ed., 2009, pp. 171–178.

Estudo Exploratório da Usabilidade do Skype na População Sénior

Ellen Pereira Nery, Docente: Ana Isabel Veloso
Universidade de Aveiro

Fundamentos teóricos: Seniores podem beneficiar-se da utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) apesar da existência de diversas barreiras e dificuldades acerca de seu uso, tais como falta de interesse, medo, preconceito, preocupação com a privacidade, falta de confiança e funcionalidade e valor agregado (Yusif, Soar, Hafeez-Baig, 2016; Keränen et al. 2017). Há uma maior aceitação quando percebem a sua utilidade, facilidade no uso e incentivo de familiares (Venkatesh et al., 2003). Estudos sugerem que o uso das TIC pode trazer benefícios referente à qualidade de vida, tal como maior sensação de controle e independência nas atividades de vida diária e melhora do bem-estar psicológico e geral (Damant, Knapp, Freddolino, & Lombard, 2017). Ademais, auxilia os seniores a manter contato com familiares, proporciona o entretenimento além de auxiliar no atendimento médico e manutenção da saúde (Vacek, & Rybenská, 2016). Uma dessas ferramentas é o Skype, que permite a comunicação em longa distância com um baixo custo. Hori et al. (2009) utilizou o Skype para realizar vídeo chamada entre pacientes com demência e seus familiares e cuidadores e sugeriu uma melhoria da qualidade de vida para ambos. Heinz et al. (2016) demonstrou que os seniores apreciaram a utilização do Skype, tanto de forma lúdica, mantendo-os em contato com familiares e amigos distantes, como gostavam de tê-lo como uma ferramenta do telehealthcare. Desta maneira, o Skype é uma ferramenta que pode ser útil se sua usabilidade for cumprida, pois seniores precisam ser capazes de cumprir seus objetivos na utilização de uma TIC de forma independente. As heurísticas avaliam a usabilidade de aplicações e websites para essa população (Zaphiris, Ghiawadwala, Mughal, 2005; Nielsen, 1995). Apesar disso, uma grande maioria de aplicações e websites não seguem as normas propostas, dificultando sua utilização. A usabilidade demonstra a aceitabilidade de um sistema para o utilizador através da facilidade com que se utiliza uma interface. Ela aborda a capacidade de aprendizagem, eficiência, capacidade de memorização, erros e satisfação (Veloso, 2014).

Objetivos: O Objetivo deste estudo foi identificar as dificuldades dos seniores na utilização do Skype, avaliar a usabilidade da aplicação, identificar possíveis problemas e oferecer sugestões para sua melhoria.

Metodologia: Através de um estudo exploratório observacional, os participantes cumpriram tarefas avaliadas referente a erros, necessidade de ajuda e cumprimento da tarefa que posteriormente foram comparadas a heurísticas específicas baseada em Zaphiris et al. (2005), onde foram utilizadas 24 heurísticas das 38 propostas. Foram selecionados três participantes a partir de uma amostra de conveniência compatíveis aos seguintes critérios: possuir idade superior a 65 anos; ter o Português como língua materna; habitar em sua residência na comunidade; discurso coerente; desejo e disponibilidade para participar do estudo e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido. Foram excluídos participantes que não sabiam ler ou escrever, incapacidades motoras que impediavam o uso do rato, deficiência visual e défice cognitivo.

Resultados: As três participantes do estudo eram do sexo feminino e foram designadas P1 com 79, P2 com 86 e P3 com 93 anos. De forma individual cada participante deveria cumprir tarefas pré-estabelecidas sendo que no início da experiência, o computador encontrava-se ligado com a aplicação do Skype no ecrã. Tarefa 1- Realizar o registo na aplicação Skype através do endereço de e-mail iniciando com clicar em “Crie uma”: Todas as participantes apresentaram dificuldade em perceber o que era suposto a ser feito. Nenhuma delas percebeu que para dar seguimento a criação da conta era na realidade necessário clicar em “crie uma” e pediram ajuda para finalizar a tarefa e somente P1 conseguiu finaliza-la apesar das dificuldades. P2 e P3 não obtiveram sucesso com o rato e completaram a tarefa com auxílio. Tarefa 2- clicar em “usar seu endereço de e-mail”: Elas não queriam utilizar o número do telefone e não sabiam como dar continuidade na criação de uma conta através do e-mail. Todas solicitaram ajuda para continuar pois não faziam ideia do que deveria ser feito, com exceção de P3 que achou que deveria escrever o e-mail no local “número de telefone”. Após a explicação de que deveriam clicar sobre “usar seu endereço de e-mail” é que finalizaram a tarefa. Tarefa 3- clicar em “Obter novo endereço de e-mail”: P1 achou que deveria criar uma nova conta nesse espaço e conseguiu digitar, mas não sabia que para dar seguimento deveria clicar em “obter novo endereço de e-mail” ao invés de “próximo” e necessitou de ajuda para a

finalização da mesma, enquanto P2 e P3 necessitaram de ajuda desde o princípio e tiveram dificuldade também em perceber o que estava escrito. Tarefa 4- criar um novo e-mail: Nenhuma das participantes tinha um e-mail e foi-lhes sugerido utilizar um nome fictício. P2 e P3 não perceberam que deveriam clicar em “próximo”, após digitarem o novo e-mail para continuar e apresentaram insegurança em fazê-lo mesmo após auxílio. Após inserir a senha escolhida P1 foi a única que percebeu que deveria clicar em “próximo” para dar seguimento, mas confirmou antes de o fazer. Tarefa 5- Adicionar detalhes pessoais: data de nascimento, país, nome e sobrenome: Todas as participantes apresentaram dificuldades nessas tarefas sendo que P1 inicialmente achou que deveria digitar utilizando o teclado na data de nascimento. Inserir dia, mês e ano foi demasiado difícil pois o espaço de clicar era pequeno. Após a tarefa anterior, todas sabiam que era suposto clicar em “próximo” para dar continuidade, mas necessitaram de ajuda para finalizar a tarefa. Tarefa 6- Escolher o tema claro ou escuro: Nenhuma das participantes percebeu que poderia testar a escolha do tema utilizando as setas nas laterais e só testaram a diferença do claro e escuro após solicitarem ajuda. Depois de decidido que o tema seria “claro” por unanimidade, não perceberam que para dar seguimento era preciso clicar no ícone da seta azul. Todas cumpriram a tarefa, mas com auxílio. Tarefa 7- Realizar o tutorial, clicando em “seguinte” após a leitura - Todas as participantes conseguiram cumprir essa tarefa inicial sem ajuda. Entretanto, tiveram dificuldades para ler o tutorial devido ao tamanho da fonte, e a maioria solicitou auxílio para a leitura. Apresentaram também dificuldades em compreender o objetivo e o sentido das informações e inicialmente não perceberam que para dar seguimento era preciso clicar em “seguinte”.

Discussão: De acordo com a avaliação heurística, o Skype cumpre diversos requisitos necessários e propostos por Zaphiris et al. (2005) com exceção do tamanho da fonte, cores apresentadas, área clicável pequena e linguagem simples e clara. De acordo com os resultados, isso foi suficiente para dificultar a utilização e cumprimento de tarefas. A aplicação não é intuitiva e para que o sénior inicie uma nova conta com um novo e-mail é necessário que passe por diversas etapas que constituem uma dificuldade e que são desnecessárias para o objetivo final. Durante toda a execução das tarefas 1-5, a janela do Skype não permite ser maximizada. Isso constitui uma dificuldade devido ao tamanho pequeno da fonte e a impossibilidade de aumentá-la. Além disso, como observado, para dar seguimento a uma criação de e-mail e conta, foi necessário passar por diversas tarefas. Para a finalização de cada etapa foi preciso

clicar na frase escrita em azul claro. Dessa forma, sugere-se que no início, coloque-se a opção com ícones grandes, com possibilidade de maximizar a janela de forma a manter a fonte maior e mais visível, e com uma opção clara, com cores contrastantes “Não possui uma conta? Crie uma aqui”. E a partir desse ponto seja possível criar efetivamente uma conta sem passar pelas demais tarefas que foram colocadas como opções e que causaram grande confusão aos seniores. Na tarefa 4 todas as participantes apresentaram dúvidas em como dar continuidade a tarefa devido ao botão “próximo”. De acordo com a heurística de Zaphiris et.al (2005), os elementos gráficos devem ser utilizados quando são relevantes e não devem ser decorativos. Nesse caso faltou informação pois tornou-se relevante a partir do momento em que 100% da amostra não foi capaz de finalizar a tarefa devido à falta de comandos. Dessa forma, sugere-se adicionar uma seta indicativa a direita nos botões “próximo” para servir de pista de que aquele é o próximo passo a seguir. Os botões da tarefa 5, “adicionar detalhes”, dificultaram aos seniores o cumprimento das tarefas pois possuem a função de scroll, a qual não estavam habituados. Sugere-se botões maiores para essa função de maneira a maximizar a tela. O padrão dos elementos gráficos deve ser mantido pois na tarefa 6, “escolher tema”, havia a seta, mas não havia a palavra próximo, da qual todas já haviam se habituado após as tarefas anteriores, o que causou confusão e a não finalização da tarefa de maneira independente. O tutorial foi iniciado sem maiores constrangimentos e o alt tag foi útil para 2 participantes que receberam esse feedback ao posicionar o cursor sobre o ícone. No entanto, as letras eram pequenas e o texto não foi esclarecedor. Duas participantes não foram capazes de finalizar a tarefa sozinhas devido ao tamanho da fonte, área clicável reduzida e linguagem confusa. Sugere-se a utilização de linguagem clara de forma a atender as necessidades e expectativas de qualquer utilizador, além de aumentar o tamanho da fonte, facilitando sua visibilidade. A usabilidade é avaliada de acordo com 1) aprendizado, 2) Eficiência, 3) Capacidade de memorização, 4) Erros, 5) Satisfação (Nielsen, 2012). No presente estudo avaliou-se a usabilidade do Skype face ao aprendizado, eficiência, erros e satisfação. Pode-se inferir que o Skype não é de fácil usabilidade nesses quesitos. Apesar de estar de acordo com algumas heurísticas (Zaphiris et al., 2005), é o conjunto dessas que tornam uma interface com uma verdadeira usabilidade. No presente estudo, as participantes estavam desejosas e interessadas, mas demonstraram-se por vezes apreensivas e desanimadas face as dificuldades encontradas durante a realização das

tarefas. O Skype pode ser de grande valia e utilidade de forma a auxiliar em tratamentos médicos e melhorar a qualidade de vida de seniores em diferentes situações, tais como a solidão, redução de comportamento agitados (Zamir, et al., 2018; Van der Ploeg, Eppingstall, B., O'Connor, D.W., 2016), além de se uma forma de apoio social entre seniores (Quan-Haase, Mo, & Wellman, 2017). Entretanto, para isso, algumas alterações fazem-se necessárias no sentido de promover a independência na utilização dessa TIC. Veloso et al. (2014) descreve a complexidade das interfaces que utilizam-se de metáforas e linguagem desconhecidas aos seniores. Outros estudos (2017) corroboram com essa afirmação e relatam que apesar dos seniores estarem ansiosos e participativos na adoção da TIC, apresentaram apreensão devido à falta de clareza nas instruções.

Referências:

- Yusif, S., Soar, J., & Hafeez-Baig, A. (2016). Older people, assistive technologies, and the barriers to adoption: A systematic review. *International journal of medical informatics*, 94, 112-116. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijmedinf.2016.07.004>
- Keränen, N. S., Kangas, M., Immonen, M., Similä, H., Enwald, H., Korpelainen, R., & Jämsä, T. (2017). Use of information and communication technologies among older people with and without frailty: a population-based survey. *Journal of medical Internet research*, 19(2). Doi: [10.2196/jmir.5507](https://doi.org/10.2196/jmir.5507)
- Venkatesh, Morris, Davis, & Davis. (2003). User Acceptance of Information Technology: Toward a Unified View. *MIS Quarterly*, 27(3), 425. doi:[10.2307/30036540](https://doi.org/10.2307/30036540)
- Damant, J., Knapp, M., Freddolino, P., & Lombard, D. (2016). Effects of digital engagement on the quality of life of older people. *Health & Social Care in the Community*, 25(6), 1679-1703. doi: [10.1111/hsc.12335](https://doi.org/10.1111/hsc.12335)
- Vacek, P., & Rybenská, K. (2016). The Most Frequent Difficulties Encountered by Senior Citizens while using Information and Communication Technology. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 217, 452-458. doi:[10.1016/j.sbspro.2016.02.013](https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2016.02.013)
- Hori, M., Kubota, M., Ando, K., Kihara, T., Takahashi, R., & Kinoshita, A. (2009). The effect of videophone communication (with skype and webcam) for elderly patients with dementia and their caregivers. *Gan to kagaku ryoho. Cancer & chemotherapy*, 36, 36-38.
- Heinz, M., Cho, J., Kelly, N., Martin, P., Wong, J., Franke, W., ... & Blaser, J. (2016). The Potential of Three Computer-Based Communication Activities for Supporting Older Adult Independent Living. *Information*, 7(2), 26, 1-12
- Zaphiris, P., Ghiawadwala, M., & Mughal, S. (2005). Age-centered research-based web design guidelines. *CHI' 05 Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems - CHI '05*, 1897-1900. doi: [10.1145/1056808.1057050](https://doi.org/10.1145/1056808.1057050)

- Nielsen, J. (1995, Jan.). *10 usability heuristics for user interface design*. Nielsen Norman Group, Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/ten-usability-heuristics/> [Data de acesso: 9 Nov., 2018]
- Veloso, A.I. (2014). SEDUCE – Utilização da Comunicação e da Informação em Ecologias Web pelo Cidadão Sénior. Porto, Portugal: Afrontamento
- Nielsen, J. (2012, Jan.). Usability 101: Introduction to Usability. World Leaders in Research-Based User Experience, 2012 [Online]. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/usability-101-introduction-to-usability/> [Data de acesso: 9 Nov. , 2018]
- Zamir, S., Hennessy, C. H., Taylor, A. H., & Jones, R. B. (2018). Video-calls to reduce loneliness and social isolation within care environments for older people: an implementation study using collaborative action research. *BMC Geriatrics*, 18(1). doi:[10.1186/s12877-018-0746-y](https://doi.org/10.1186/s12877-018-0746-y)
- Van der Ploeg, E. S., Eppingstall, B., & O'Connor, D. W. (2015). Internet video chat (Skype) family conversations as a treatment of agitation in nursing home residents with dementia. *International Psychogeriatrics*, 28(04), 697–698. doi:[10.1017/s1041610215001854](https://doi.org/10.1017/s1041610215001854)
- Quan-Haase, A., Mo, G. Y., & Wellman, B. (2017). Connected seniors: how older adults in East York exchange social support online and offline. *Information, Communication & Society*, 20(7), 967–983. doi:[10.1080/1369118x.2017.1305428](https://doi.org/10.1080/1369118x.2017.1305428)
- Vaportzis, E., Giatsi Clausen, M., & Gow, A. J. (2017). Older Adults Perceptions of Technology and Barriers to Interacting with Tablet Computers: A Focus Group Study. *Frontiers in Psychology*, 8. doi:[10.3389/fpsyg.2017.01687](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01687)

E-Serviços como estratégia de governo eletrônico: uma proposta de modelo infocomunicacional

Danilo Santos Barbosa, Orientadora: Maria João Antunes
Universidade de Aveiro e Universidade do Porto

Fundamentos teóricos: Acreditar que o governo é o único responsável por todas as consequências de nossa vida em sociedade já deixou de ser um forte discurso. Apesar de ele ainda exercer um grande poder, a necessidade de se readequar aos interesses da sociedade tem influenciado também na forma de administrar. Com a influência das tecnologias de informação e comunicação e da internet (Castells, 1999), cidadãos e governo já ocupam um novo posicionamento que proporciona mais participação na criação de políticas públicas e na tomada de decisão. Os teóricos que embasam esta investigação sustentam que o governo eletrônico (e-governo) trata e se define na mudança de mind set da filosofia de governança, mas que não depende apenas da aplicação de tecnologias e tão pouco exclusivamente dos gestores públicos. Os stakeholders definidos por Flak, Sein & Sæbø (2007), que compõem as entidades de e-governo, nomeadamente, políticos, administradores, servidores públicos, consumidores, ativistas e decisores diretos, surgem como o novo centro desse comportamento e diretamente responsáveis pelos benefícios para a sociedade. Esta investigação buscou responder à pergunta “Que modelo infocomunicacional deve dar suporte às atividades de um departamento da administração pública, no âmbito de políticas públicas do meio ambiente?” Uma plataforma digital de e-serviço público, para o recebimento de denúncias ambientais, foi desenvolvida no âmbito da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade da cidade de Manaus, para contribuir com a composição do modelo.

Objetivos: Sendo o objetivo principal o desenvolvimento de uma proposta de modelo infocomunicacional, o estudo buscou a composição de um grupo heterogêneo composto pelas entidades de e-governo. De acordo com Flak et al. (2007), os stakeholders presentes em iniciativas como estas possuem fundamental importância já que a taxa de sucesso das plataformas está atrelada também ao nível de participação.

Metodologia: Para a realização deste estudo, e resposta à questão de investigação, foram definidas etapas presentes na literatura da investigação de desenvolvimento. O momento inicial trabalhou a análise da situação, compreendendo a busca de referências bibliográficas nas áreas de Sistemas de Informação, Ciências da Comunicação, Ciências da Informação, Gestão e Governança, além da observação de práticas adotadas em plataformas digitais, que tratam de serviços e políticas públicas para o meio ambiente.

Durante a investigação, uma plataforma digital para oferta de um serviço público foi desenvolvida. Nesse caso, cidadãos, ativistas, gestores e servidores públicos foram responsáveis por uma lista de requisitos funcionais que atendiam necessidades para a realização de uma denúncia ambiental. Os participantes foram reunidos em um focus group realizado com a participação do investigador que promoveu o debate. Posteriormente, os requisitos funcionais foram analisados e receberam requisitos técnicos que correspondiam às demandas de utilização. Com a plataforma digital de serviço público concluída, foram realizados testes de usabilidade e entrevistas com os mesmos participantes do focus group e assim foi possível avaliar e obter informações para a composição da proposta de modelo infocomunicacional.

A conclusão da investigação se deu com a construção de uma proposta de modelo infocomunicacional, para dar suporte às atividades de um departamento da administração pública, que responde à questão de investigação.

Resultados: O estudo resultou em uma proposta de modelo infocomunicacional que contempla as fases para o desenvolvimento de e-serviços públicos a partir da colaboração entre os stakeholders presentes nas entidades de e-governo. O modelo contempla também a necessidade de definição de quais os tipos de uso e o nível de participação dos utilizadores, considerando a sua competência infocomunicacional.

Referências:

- Castells, M. (1999). *A era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2, 24.
- Flak, L. S.; Sein, M. K.; Sæbø, Ø. (2007). *Towards a Cumulative Tradition in E-Government Research: Going Beyond the Gs and Cs*. In: M.A. Wimmer, J. Scholl, Å. Grönlund (eds) *Electronic*

Government. EGOV 2007. Lecture Notes in Computer Science, vol 4656. Springer, Berlin, Heidelberg. Doi: https://doi.org/10.1007/978-3-540-74444-3_2n

Imagem no Jornalismo: A Fotografia como Retrato Definitivo da História

Nilton Marlúcio de Arruda,

Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada

Universidade Fernando Pessoa

Historicamente, a relação entre imagens e meios de comunicação está subordinada às formas de utilização e aos interesses dos utilizadores. Da Antiguidade clássica grega aos dias atuais, da tragédia grega aos jornais do século XXI, o poder da imagem é determinante para o imaginário coletivo, para a prática da responsabilidade da consciência social e na transmissão de legados e heranças. Enquanto agente de ligação atemporal entre sociedades e suas realidades, ela encontra no jornalismo contemporâneo um espaço emblemático para interpretações, influências e tendências.

“O jornalismo é o primeiro esboço da história”, sentencia a atriz Meryl Streep (personagem Katherine Graham, filme *The Post*, 2017). A frase é atribuída a Phil Graham, homem que herdou o jornal *Washington Post*, em 1930 e que, na vida real, foi marido da protagonista. A afirmação também foi utilizada em 2016 pelo Papa Francisco¹, numa audiência com 400 membros do Conselho da Ordem dos Jornalistas Italianos. Assim, admite-se que certas imagens podem ser consideradas como retrato definitivo da história. Estas percepções colocam o jornalismo num patamar superior ao papel de mero disseminador de notícias ilustradas por fotografias com estética da violência. Ainda assim, percebe-se uma espécie de dissolução dos conteúdos que retratam as grandes tragédias da humanidade, em função da banalização das imagens que os ilustram.

Recolha de documentos, formulação de hipóteses e elaboração de indicadores para a aferição de valor a determinadas imagens de jornal permitem sustentar que: há uma banalização da imagem no jornalismo contemporâneo, em função da quantidade, velocidade e promiscuidade das divulgações. Além disso, o excesso de exposição e a repetição de imagens extremamente parecidas promovem um afastamento da

¹ Cf. matéria publicada pela Agência Ecclesia, em 22 de setembro de 2016, disponível em <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-pede-verdade-profissionalismo-e-honestidade-aos-jornalistas/> (acesso em 22/09/2018).

realidade. Algo contrário ao que se espera dos periódicos quanto à passagem do real para a realidade. O que motiva a reconhecer que certas imagens são o retrato definitivo da história e, como tal, enfrentar o desafio de resgatá-las da banalização midiática.

Como consequência destas hipóteses, é possível ancorar-se numa metáfora: vive-se em uma sociedade de hologramas a provocar uma visão caleidoscópica. A imagem que revela o jornalismo parece constituir-se de elementos de ilusão ou simulacro, cuja percepção pelos indivíduos se dá de forma desfocada e visualmente embaraçosa, embora colorida e atraente. Qual é, afinal, a imagem que revela o jornalismo? Aquilo que é publicado pelos jornais traduz sua identidade editorial? Eis a questão: como o jornalismo cuida dessa imagem avassaladora que predomina atualmente. Assim, debate-se a necessidade de resgatar o jornalismo dessa banalização da imagem, de lhe cobrar o papel de moderador e a responsabilidade pela exposição de imagens que, definitivamente, retratam a história.

Das primeiras gravuras em periódicos (Gazeta de Lisboa, 1716) e do pioneirismo da publicação de uma fotografia em jornal impresso (The New York Daily Graphic, 1880 - EUA) aos dias de hoje, a presença de imagens no jornalismo modificou a forma de apresentação das notícias. A fotografia de imprensa é uma mensagem a informar de maneira complementar o que se lia apenas nos textos. No entanto, o dinamismo das leituras imposto pelos utilizadores de notícias e a revolução tecnológica provocada pela internet alteraram a relação e o equilíbrio entre palavras e imagens.

Atualmente, convive-se com uma comunicação cada vez mais interativa, com um leitor mais ativo por conta das redes sociais; além da diminuição da escrita em contraponto ao espaço ocupado pela fotografia. Ou seja, trata-se de aspectos do jornalismo contemporâneo que, paradoxalmente, podem estar a colaborar para a fragmentação do sentido junto ao indivíduo que, mais que mero leitor, tornou-se um disseminador de notícias de jornal. E, sem a devida mediação do jornalismo, contribui para a suposta visão caleidoscópica em uma sociedade holográfica.

Quando a valorização da imagem em detrimento da escrita é motivada pela necessidade de conquistar a atenção do público, admite-se, portanto, o risco de empobrecer o aprofundamento dos conteúdos. Os jornais tentam alcançar a invisibilidade por excesso de exposição, além de dissolver os conteúdos noticiosos

(PERNIOLA, 2004). Periódicos publicam imagens sensacionalistas, desconsiderando os aspectos da responsabilidade editorial e deontológica do veículo. Diante do protagonismo do sujeito comum e da necessidade de se mensurar a capacidade crítica do leitor-cidadão (CARDOSO, 2013), o jornalismo contemporâneo encontra-se diante do seu maior desafio: reinventar-se junto à sociedade. Tal qual “esboço da história”, a partir de imagens definitivas.

A área de jornalismo tem um compromisso com a sociedade e com o desenvolvimento das pessoas. Espera-se de sua atuação um esforço para criar minimamente um sentido para as coisas na mente do leitor. A utilização inadequada de fotografias como estratégia de atenção e retenção do indivíduo compromete o seu propósito transformador. A banalização da imagem, enquanto consequência deste modelo de noticiar, surge como uma agravante para a falta de consciência social dos veículos.

O artigo tem como base teórica a imagem na Antiguidade Clássica, a retórica da imagem, a fotografia de jornal e o imaginário coletivo, a questão do realismo na fotografia, a evolução da presença da fotografia no noticiário e sua utilização pelo jornalismo contemporâneo. Esta revisão bibliográfica encontra respaldo nos seguintes tópicos: conotação e denotação, óbvio e obtuso (BARTHES, 2009), força das imagens, memória coletiva, impotência e resistência (BREDEKAMP, 2015), imaginário coletivo (MAFFESOLI, 1998), antropologia da imagem (DURAND, 1993), a revolução dos ecrãs (LIPOVETSKY e SERROY, 2010), análise política das imagens (DIDI-HUBERMAN, 2012), comunicação para dissolver conteúdos (PERNIOLA, 2004), capacidade crítica do leitor-cidadão (CARDOSO, 2013), fotografia e obsessão pelo realismo (BAZIN, 1991), afastamento do real (SONTAG, 1977), museologização da fotografia (KRAUSS, 2014) e ato fotográfico (DUBOIS, 1993).

De forma propositiva, o trabalho levanta pontos para uma reflexão sobre os usos, rumos e desafios do jornalismo no mundo a partir da aferição de valor semiótico, ético e ontológico de algumas imagens icônicas. Para além da indústria da informação, espera-se contribuir para a ciência da comunicação no sentido de resgatar seu papel na transformação da sociedade.

E numa relação que envolve o universo do leitor de jornal - tanto impresso quanto digital -, a impactar o imaginário coletivo e a leitura individual do mundo; a conexão

entre imagem – mais especificamente a fotografia - e jornalismo pode ser mais efetiva e transformadora na medida em que se tornam conhecidos e mensurados os valores – semiótico, ético e ontológico – de imagens emblemáticas que ilustraram algumas das primeiras páginas do noticiário jornalístico contemporâneo.

Elaborar este projeto de investigação significa aproveitar uma oportunidade de propor uma reflexão sobre a necessidade de ter uma atuação jornalística mais voltada para as necessidades de desenvolvimento da sociedade como um todo, num resgate de uma área do conhecimento que, por força também de um frenesim de imagens, corre o risco de não exercer a sua consciência social. Afinal, “a força das imagens, influenciando as emoções, os pensamentos e as ações dos homens; são mais fortes do que a luz da verdade e das ideias” (BREDEKAMP, 2015). A contribuição deste trabalho deve ser uma proposta concreta voltada para um novo modelo de noticiar, de publicar imagens, de formar opiniões e de atribuir sentido num mundo marcado pela fragmentação do pensamento e das ações de comunicação, além de desfocado pela banalização das imagens.

O jornalismo exerce um papel fundamental no desenvolvimento da sociedade, sendo impossível preservá-lo de responsabilidade pela crise de valores que se percebe nas relações dos indivíduos do ponto de vista social. “O papel da imagem na estruturação dos mais elementares aspectos da vida social” (BREDEKAMP, 2015). O autor ressalta, ainda, sua dúvida entre “uma actividade autónoma” das imagens junto ao espectador e “se ela há de ser levada a acto icónico só mediante as actividades práticas do utilizador”. Portanto, a fragmentação do discurso, a superficialidade do debate político e social e a falta de uma visão holística sobre os aspectos humanos resultam, também, de uma prática conotativa do jornalismo que, inclusive, abusa do uso de imagens e do empobrecimento da análise dos fatos pela escrita. Este trabalho pretende refletir sobre o potencial transformador dessa área do conhecimento.

Para abordar a questão do jornalismo como formador de opinião e, também, responsável por construir e legitimar um imaginário coletivo é fundamental uma revisão da leitura das teorias de comunicação em sentido lato, seus objetivos, seus propósitos, suas ferramentas e sua utilização no contexto social. Embora os fenômenos da comunicação estejam presentes nas relações humanas e a despeito dos meios de comunicação de massa terem ocupado posição de destaque na sociedade há mais de um século, ainda não se pode precisar a existência da ciência

da comunicação, visto que somente no início do século XX é que foram dedicados estudos específicos sobre esta área do conhecimento.

O objetivo deste trabalho é analisar a responsabilidade do jornalismo na construção e na legitimação do imaginário coletivo. Para que se atinja tal resultado, sugere-se atuar de forma específica e preliminarmente nas seguintes etapas:

- 1) Revisão da literatura a fim de promover uma discussão teórica sobre a história e o poder da imagem, tanto como atividade clássica quanto como suporte ao jornalismo contemporâneo;
- 2) Seleção de determinadas imagens publicadas em primeiras páginas de periódicos, utilizando como critério o seu potencial de transformar-se em fotografias definitivas ou universais;
- 3) Análise crítica e aferição de valor semiótico, ético e ontológico para cada uma das imagens selecionadas na etapa anterior.

Metodologia para a confirmação das hipóteses, elucidação das questões e atingimento do objetivo do projeto contará com pesquisa qualitativa a partir da aferição de valor às imagens escolhidas como objeto de estudo. No que diz respeito ao levantamento das fotografias, o trabalho será feito através de pesquisa exploratória, para analisar o nível de responsabilização que pode ser atribuído ao jornalismo quanto ao suposto fenômeno da banalização da imagem e, também, da superficialidade do debate político e social. É fundamental aplicar essa pesquisa documental de maneira a se familiarizar com o fenômeno investigado de modo que o próximo passo da investigação possa ser desenvolvido com maior precisão e compreensão do fenômeno estudado.

Enquanto documento final, o artigo está estruturado em duas partes: 1- discussão teórica sobre a imagem e 2- análise crítica das fotografias selecionadas. Na primeira parte aborda-se: a imagem na Antiguidade clássica e a retórica da imagem; o imaginário coletivo; a imagem fotográfica, sua utilização pelo jornalismo e o papel e os desafios do jornalismo na sociedade; a relação entre a fotografia e o realismo; justificativas para a seleção de determinadas fotografias publicadas nas primeiras páginas dos jornais. Na segunda parte, tem-se a aferição do valor semiótico, ético e ontológico das imagens escolhidas.

Referências:

- ARISTÓTELES - **Retórica**. 2ª ed. Lisboa: Casa da Moeda, 1998. ISBN 972-27-1377-9
- BARTHES, Roland - **O óbvio e o obtuso**. 8ª ed. Lisboa: Edições 70, 2009. ISBN 978-972-44-1575-8
- BAZIN, André - **O cinema: ensaios**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. ISBN 85-11-22033-X
- BREDEKAMP, Horst - **Teoria do acto icónico**. Lisboa: KKYM, 2015. ISBN 978-989-99-3937-0
- CARDOSO, Gustavo - **A sociedade dos ecrãs. Sociologia dos ecrãs, economia da mediação**. Lisboa: Tinta-da-China, 2013. ISBN 978-989-67-1154-2
- DIDI-HUBERMAN, Georges - **Images malgré tout**. Lisboa: KKYM, 2012. ISBN 989-976-841-3
- DUBOIS, Philippe - **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993. ISBN 55-308-0246-2-
- DURAND, Gilbert - **A imaginação simbólica**. 6ª ed. Lisboa: Edições 70, 1993. ISBN 972-44-0902-3
- KRAUSS, Rosalind E - **O fotográfico**. 5ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2014. ISBN 978-856-59-8561-1
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean - **O ecrã global**. Lisboa: Edições 70, 2010. ISBN 978-972-44-1555-0
- MAFFESOLI, Michel - **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998. ISBN 978-853-26-2078-7
- PERNIOLA, Mario - **Contra a Comunicação**. Lisboa: Teorema, 2004. ISBN 972-695-633-1
- SONTAG, Susan - **Ensaio sobre fotografia**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1977. ISBN 978-85-8086-579-0

Iniciar el acompañamiento de una investigación participativa en el espacio virtual: inclusionLab

Julia Ruiz-López

Orientadores: Teresa Susinos, Nelson Zagalo

Universidad de Cantabria e Universidade de Aveiro

Fundamentos teóricos: El trabajo se enmarca en un proyecto de I+D+i² cuyo objetivo es estudiar los procesos de participación e inclusión social de colectivos sin voz. Este proyecto se desarrolla bajo un modelo de investigación participativa (Bagnoli y Clark, 2010; Bergold y Thomas, 2012; Bourke, 2009; Bowne, Cutler, Debates, Gilkerson, y Stremmel, 2010; Francés García, Alaminos Chica, Penalva Verdú, y Santacreu Fernández, 2015; Nind, 2014; Rodríguez-Villasante, 1998), además se inscribe en un paradigma cualitativo (Denzin y Lincoln, 2017; Flick, 2014) y se articula como un estudio de caso (Simons, 2011).

El equipo de investigadoras e investigadores que forma parte del equipo inPar-ES se ocupa del trabajo investigador desarrollado con distintos colectivos, de diversas edades, dentro y fuera del contexto escolar, y se organizaron en cuatro grupos de trabajo (Ceballos-López y Rodríguez-Hoyos, 2018; Fernández-Díaz y Calvo, 2018; Rojas y Haya, 2018; Saiz-Linares, Susinos, y Ruiz-López, 2018).

Esta propuesta de acompañamiento a esta investigación participativa (y al proceso de indagación social que lleva consigo) en un espacio web³, responde a una preocupación manifiesta del equipo investigador por la movilización del conocimiento, que busca responder, en el contexto actual globalizado e interconectado, a las exigencias éticas de la investigación con la devolución social en el ámbito de las Ciencias Sociales y Humanidades (Naidorf y Perrotta, 2015).

Este trabajo que aquí se expone pretende describir el proceso de implementación inicial para la indagación sobre las posibilidades del inclusionLab atendiendo a su utilidad y a lo adecuado o no de este “dispositivo social virtual” que se busca poner

² Proyecto I+D+i financiado por el Ministerio de Economía y Competitividad (Spain), titulado “Redes de Innovación para la Inclusión Educativa y Social. Co-laboratorio de Participación Inclusiva” (Directora: Teresa Susinos. EDU 2015-68617-C4-4-R).

³ <http://inclusionlab.unican.es>, en adelante: *inclusionLab*

en marcha. Para esta descripción serán tenidas en cuenta las reflexiones sobre el uso de los soportes mediáticos en el contexto de la comunicación de la ciencia (Anderson y McLachlan, 2016; Parrilla Latas, Raposo-Rivas, y Martínez-Figueira, 2016; Pinto y Zagalo, 2016) en diálogo con la complejidad de lo social que es un aspecto importante a tener en cuenta en el proceso de indagación desarrollado en el proyecto I+D+i (Susinos Rada, 2013) también preocupado por construir un espacio abierto a la interacción social (Cercós i Raichs, 2016), un espacio de acogida (Bergold y Thomas, 2012).

Objetivos: El objetivo principal de esta fase de la investigación es la puesta en marcha del espacio web para acompañar la investigación participativa y la indagación social en el marco de este proyecto I+D+i. Los objetivos secundarios han sido:

- 1) Revisar y analizar otras propuestas de algunos espacios web que han resultado interesantes para el equipo inPar-ES.
- 2) Diseñar la imagen gráfica y el aspecto estético para el espacio web colaborativo y la documentación del proyecto.
- 3) Desarrollar el proceso de implementación del espacio web colaborativo.
- 4) Iniciar el trabajo colaborativo en la web con un taller formativo que presenta la web y los recursos materiales que posibilitarán la documentación del proceso de investigación.
- 5) Desarrollar una guía rápida para el desarrollo de productos audiovisuales (Ruiz-López, 2017) que apoye el proceso de exploración del lenguaje audiovisual (Ruiz-López, Ceballos-López, y Saiz-Linares, 2017).
- 6) Iniciar el proceso de intercambio y reflexión conjunta en el equipo inPar-ES sobre la estrategia para la movilización del conocimiento generado en el marco del Proyecto I+D+i¹.
- 7) Iniciar el proceso de mejora continua del espacio web colaborativo *inclusionLab*.

Método:

Tarea	Metodología
A. Desarrollo de la imagen gráfica del proyecto I+D+i (Logo, iconos, esquemas, gráficos, documentos...)	<ol style="list-style-type: none">1) Presentación de la propuesta inicial a partir de los objetivos del proyecto I+D+i: recogida de observaciones y sugerencias.2) Proceso de depuración de la propuesta: presentación de la segunda versión, ajustes menores finales y consenso y generación de las distintas versiones de la imagen gráfica de proyecto.
B. Desarrollo e implementación del espacio web colaborativo <i>inclusionLab</i>	<ol style="list-style-type: none">1) Análisis de varias webs propuestas como referencia. Búsqueda de claves para el desarrollo de la web.2) Presentación de la propuesta inicial y recogida de observaciones y sugerencias.3) Proceso de depuración de la propuesta (I): presentación de la segunda versión, ajustes finales y consenso inicial. Inicio del trabajo (primer ciclo, cuatro grupos):4) Proceso de depuración de la propuesta (II): grupo de discusión (representantes del grupo inPar-ES de cada grupo de trabajo)5) Proceso de depuración de la propuesta (III): devolución de las reflexiones del grupo de discusión y propuestas para el segundo ciclo de trabajo.
T. (transversal) Formación y soporte inicial al grupo inPar-ES y las primeras aportaciones en el <i>inclusionLab</i>	<ol style="list-style-type: none">1) Desarrollo de la guía rápida para el desarrollo de productos audiovisuales (Ruiz-López, 2017) En el encuentro previo al inicio de los grupos:2) Taller de presentación del <i>inclusionLab</i> a representantes externos de cada grupo de trabajo y al grupo inPar-ES.3) Presentación de los recursos materiales que se utilizarán para la documentación de la experiencia de investigación. Durante el desarrollo de la investigación (primer ciclo):4) Resolución de incidencias del trabajo con la web. Implementación de soluciones ad hoc. Por ejemplo: responder a la necesidad de un esquema del ciclo de trabajo en la portada inicial de cada grupo.

Resultados: El proceso realizado ha dado lugar al desarrollo y puesta en marcha del *inclusionLab* que puede consultarse en: <http://inclusionlab.unican.es>. La implementación de este espacio web está inscrita en este Proyecto I+D+i1, y entre

sus objetivos está también el de estimular la producción de contenido más mediático, trabajando con lenguajes menos académicos, pero quizá más adecuados para dar voz a aquellos colectivos que quedan silenciados, en la búsqueda de la mejora educativa y social. Es decir, indagar sobre su propia realidad para identificar, describir o denunciar (Susinos Rada y Rodríguez-Hoyos, 2011) aquello que quieren cambiar. La investigación participativa a la que acompaña inclusionLab se identifica con los términos de voz y participación, y es la experiencia vivida por los participantes durante el proceso de investigación la que nos gustaría comunicar a través de este espacio web como introducción al producto final que cada grupo genere desde la coherencia con el sentido investigador de la propuesta. Una muestra de aquello que ocurre en los grupos, el debate, la reflexión, los hallazgos y tentativas, y su producto final, deberían ser capaces por si mismos de contagiar a otros grupos y provocar su movilización para embarcarse en proyectos de mejora educativa y social.

Al mismo tiempo, tanto para los participantes como para los investigadores, la implementación de este espacio web supone un reto de reflexión compartida para la toma de decisiones sobre la forma en que cuidamos todo aquello que aparece en la web. Nos apoyamos en lo digital, favoreciendo el acceso a la tecnología de un equipo formado por personas con distintas competencias tecnológicas que trabajan en un espacio común, inclusionLab, para posibilitar el diálogo, el intercambio, el diseño y la visibilidad de los cambios más allá de nuestro contexto local.

En esta comunicación queremos facilitar también el diálogo, intercambio y discusión sobre esta fase de trabajo de inclusionLab, por este motivo se expondrán de forma resumida las reflexiones, sugerencias o propuestas más relevantes que han sido tenidas en cuenta para la toma de decisiones en la implementación de inclusionLab.

Algunos de esos detalles de implementación que se abordarán en la comunicación se recogen aquí de forma resumida: La gestión de la participación en inclusionLab; La elección de la opción tecnológica más adecuada; Las decisiones sobre lo estético; Las decisiones sobre lo ético; La dinámica de gestión de la mejora continua.

Referências:

Anderson, C. R., y McLachlan, S. M. (2016). Transformative research as knowledge mobilization: Transmedia, bridges, and layers. *Action Research*, 14(3), 295-317. <https://doi.org/10.1177/1476750315616684>

- Bagnoli, A., y Clark, A. (2010). Focus groups with young people: a participatory approach to research planning. *Journal of Youth Studies*, 13(1), 101-119. <https://doi.org/10.1080/13676260903173504>
- Bergold, J., y Thomas, S. (2012). Participatory Research Methods: A Methodological Approach in Motion. *Forum: Qualitative Social Research*, 13(1), Art. 1. Recuperado a partir de <https://goo.gl/5kKT5K>
- Bourke, L. (2009). Reflections on doing participatory research in health: participation, method and power. *International Journal of Social Research Methodology*, 12(5), 457-474. <https://doi.org/10.1080/13645570802373676>
- Bowne, M., Cutler, K., Debates, D., Gilkerson, D., y Stremmel, A. (2010). Pedagogical documentation and collaborative dialogue as tools of inquiry for pre-service teachers in early childhood education: An exploratory narrative. *Journal of the Scholarship of Teaching and Learning*, 10(2), 48-59. Recuperado a partir de <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ890715.pdf>
- Ceballos-López, N., y Rodríguez-Hoyos, C. (2018). Children's rights, participation and play. A research oriented to school improvement through Student Voice in Cantabria (Spain). Recuperado 27 de septiembre de 2018, a partir de <https://eera-ecer.de/ecer-programmes/conference/23/contribution/43905/>
- Cercós i Raichs, R. (2016). El pensamiento estético-pedagógico de Joseph Beuys: entre la memoria y la performance. *Historia y Memoria de la Educación*, 0(5), 217. <https://doi.org/10.5944/hme.5.2017.16797>
- Denzin, N. K., y Lincoln, Y. S. (2017). *El arte y la práctica de la interpretación, la evaluación y la presentación*. Gedisa.
- Fernández-Díaz, E., y Calvo, A. (2018). Recognizing Voices That Transform Educational Practice: A Participatory Research Project to Promote Professional Development. Recuperado 27 de septiembre de 2018, a partir de <https://eera-ecer.de/ecer-programmes/conference/23/contribution/43809/>
- Flick, U. (2014). *La gestión de la calidad en investigación cualitativa*. Madrid: Morata.
- Francés García, J. F., Alaminos Chica, A., Penalva Verdú, C., y Santacreu Fernández, Ó. A. (2015). *La investigación participativa: métodos y técnicas* (PYDLOS Edi). Recuperado a partir de <https://goo.gl/hmhS1e>
- Naidorf, J., y Perrotta, D. (2015). La ciencia social politizada y móvil de una nueva agenda latinoamericana orientada a prioridades. *Revista de la Educación Superior*, 44(174), 19-46. <https://doi.org/10.1016/j.resu.2015.05.001>
- Nind, M. (2014). *What is Inclusive Research?* (A&C Black, Ed.). Bloomsbury Publishing.
- Parrilla Latas, Á., Raposo-Rivas, M., y Martínez-Figueira, M. E. (2016). Procesos de movilización y comunicación del conocimiento en la investigación participativa. *Revista de Ciencias Humanas y Sociales*, 12, 2066-2087. Recuperado a partir de <https://goo.gl/P9xaX6>

- Pinto, L., y Zagalo, N. (2016). Mediação de ciência entre o texto e o audiovisual: uma proposta metodológica. *CECS-Publicações/eBooks*, 264-287.
- Rodriguez-Villasante, T. (1998). *Cuatro redes para mejor-vivir*. Buenos Aires.
- Rojas, S., y Haya, I. (2018). Inquiry-reflection processes in inclusive research. Issues that emerge from the experience of a team of co-researchers with intellectual disability. Recuperado 27 de septiembre de 2018, a partir de <https://eera-ecer.de/ecer-programmes/conference/23/contribution/44033/>
- Ruiz-López, J. (2017). Guía rápida para elaborar productos audiovisuales: investiga y documenta. Grupo InPar-ES. Universidad de Cantabria. Recuperado a partir de <https://goo.gl/ZT8Mcl>
- Ruiz-López, J., Ceballos-López, N., y Saiz-Linares, Á. (2017). Competencia digital y estrategia de movilización de los conocimientos: guía para elaborar productos audiovisuales. En A. Alonso-Ferreiro, A. Rodríguez-Groba, & S. Dorado Gómez (Eds.), *Inclúye-T. Cuando la competencia digital favorece la inclusión social* (pp. 175-189). Santiago de Compostela, 13-14 de septiembre de 2017. Recuperado a partir de <http://stellae.usc.es/incluyet/>
- Saiz-Linares, Á., Susinos, T., y Ruiz-López, J. (2018). Researching through collaborative video with young prison inmates in Cantabria (Spain). New paths for inclusion and reeducation in prison. Recuperado el 27 de septiembre de 2018, a partir de <https://eera-ecer.de/ecer-programmes/conference/23/contribution/44102/>
- Simons, H. (2011). *El estudio de caso: teoría y práctica*. Madrid: Morata.
- Susinos Rada, T. (2013). Desde el mismo lugar no vemos lo mismo. Investigar la participación de los estudiantes como un proceso multivocal. *Revista de investigación en educación*, 3(11), 120-132. Recuperado a partir de <https://goo.gl/4Hqvfk>
- Susinos Rada, T., y Rodríguez-Hoyos, C. (2011). La educación inclusiva hoy. Reconocer al otro y crear comunidad a través del diálogo y la participación. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 79(25,1), 15-30. Recuperado a partir de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3426210>

Academia Politécnica do Porto: contributos para o estudo de um Sistema de Informação

Júlia Ribeiro, Orientadora: Elisa Cerveira
Universidade do Porto

Fundamentos teóricos: A história da Universidade do Porto (UP) tem um percurso secular, com raízes que passam pela Academia Politécnica do Porto (1837-1991), estendendo-se à Academia Real da Marinha e Comércio do Porto (1803-1837) até às primeiras instituições de ensino público no Porto, a Aula de Debuxo e Desenho (1779-1803) e a Aula Náutica (1762-1803). O Fundo Antigo da Universidade do Porto reflete este mesmo percurso e valiosa herança.

A existência deste Fundo Antigo e uma reflexão acerca do mesmo, levou à descoberta de uma dicotomia patente: os conceitos de livro antigo e fundo antigo. Por um lado, temos o conceito de livro antigo, de origem técnica, que define as monografias antigas como exemplares produzidos até 1800, por vezes esta data é estendida a 1820, pois por esta altura é que os processos de impressão moderna começaram a uniformizar o formato do livro. Existe ainda a ideia de que um livro antigo é aquele que possui um conjunto de características especiais como a sua escassez, tanto em termos de nº de exemplares como de qualidade de preservação e a sua história e interação com os antigos proprietários, refletidas em notas manuscritas, carimbos e assinaturas.

Por outro lado, fundo antigo é definido como a totalidade dos livros, manuscritos e outros documentos provenientes de coleções anteriores, por vezes privadas, que uma biblioteca possui e que constitui frequentemente a sua parte mais preciosa.

É dado que cada instituição seleciona quais os exemplares que constituem os seus intitulados fundos antigos. No caso da Universidade do Porto, o seu fundo antigo é constituído por um acervo de obras maioritariamente publicadas anteriormente a 1945. As instituições parecem, deste modo, focar os seus fundos antigos nas heranças bibliográficas e generalizam o termo.

Objetivos: Neste trabalho, alargamos o foco na antiguidade do acervo e o mesmo é alterado para uma visão sistémica do conjunto informacional. Definimos Sistema de

Informação como uma totalidade formada pela interação dinâmica das partes que o constituem, estas partes tratam-se de diferentes tipos de informação, os quais podem estar registados ou não e independentemente do seu suporte, de acordo com uma estrutura e prolongada por uma ação no tempo.

Considera-se, assim, que no Fundo Antigo da Universidade do Porto, encontram-se referenciadas partes de sistemas de informação resultantes de diferentes entidades, as quais ainda que relacionadas entre si, tiveram uma identidade e percursos específicos. Deste modo, importa estudar e representar estes sistemas na sua individualidade e consequente produção informacional.

O presente estudo focou-se em específico na Academia Politécnica do Porto e no seu sistema de informação. Levantando-se as questões acerca da sua constituição, do modo como este evoluiu, como se dispersou e o que dele nos chegou e, por fim, como é que será possível recriar o mesmo.

Assim, e no contexto do Fundo Antigo da Universidade do Porto, pretendeu-se identificar, organizar, e representar o acervo da Academia Politécnica do Porto. Tendo como objetivos específicos: identificar, estudar e representar as entidades que contribuíram para a constituição do Fundo Antigo da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; elaborar o estudo orgânico-funcional da Academia; recensear a documentação da Academia Politécnica do Porto; organizar e representar a informação recenseada; analisar, compreender e sistematizar a constituição do Fundo Antigo da Universidade do Porto; enquadrar sistemicamente o conjunto informacional e analisar o mesmo.

Método: Este trabalho foi elaborado no âmbito da área científica de Ciência da Informação, dedicando-se ao tratamento de temáticas relacionadas com a gestão de informação, organização e representação da informação. Como tal, a Teoria Sistémica é utilizada como ferramenta interpretativa e explicativa. O objeto de estudo trata-se da informação, sendo interpretada através da aplicação de um método científico de investigação, o Método Quadripolar, que ajudará a enquadrar e orientar o trabalho e a dinâmica investigativa a realizar. Para além disso, apesar deste trabalho se encontrar num contexto mais investigativo, recorreu-se ainda à metodologia de investigação-ação.

Dentro dos materiais que hoje testemunham um dos períodos fundadores da Universidade do Porto, encontram-se as espécies bibliográficas que constituíam a biblioteca da Academia Politécnica do Porto, as quais eram utilizadas no ensino e produção de conhecimento. Ao longo dos anos, a informação sobre os exemplares adquiridos e doados à Academia foi sendo descrita e representada nos respetivos catálogos, há, no entanto, muitas dúvidas acerca do que realmente nos foi legado por esta instituição.

Sendo antecessora da Universidade do Porto, a Academia Politécnica do Porto, tem vindo a ser objeto de numerosos estudos, em particular, no âmbito da sua história, analisando e retratando o seu extenso e atribulado percurso. Este trabalho surge como uma contribuição para o conhecimento sobre a Academia Politécnica, no qual é analisado um serviço, a sua biblioteca, através dos fragmentos dispersos desse conjunto informacional e, também, o contexto em que este se insere.

Realizou-se um estudo orgânico-funcional da Academia Politécnica do Porto, para permitir compreender e visualizar melhor a sua estrutura e a evolução da mesma, desde a sua criação ao seu último momento. A análise da estrutura orgânica e funcional relativa à Academia Politécnica do Porto foi feita a partir da recolha e estudo da legislação e regulamentação que, ao longo dos anos de existência da Academia, determinou a sua estrutura orgânica e estipulou as funções e competências dos diferentes elementos constitutivos da instituição.

Resultados: Os resultados do estudo são graficamente apresentados na forma de organigramas. Estes representam a evolução da instituição, ilustrando as várias alterações relevantes que ocorreram na estrutura orgânica. Assim, a estrutura torna-se mais clara do que se apenas fosse elaborada uma descrição textual. Aliada à estrutura orgânica, encontra-se a componente funcional, que atribui a cada unidade estrutural uma série de competências e atividades a desenvolver. Estas são elencadas igualmente pelos textos legislativos.

A estrutura da Academia teve influência, naturalmente, no seu sistema de informação. Assim, para além da estrutura orgânica da instituição, descreveu-se a constituição e evolução do sistema de informação, de acordo com todos os registos existentes e a partir de estudos realizados anteriormente. Estudou-se o percurso que esta documentação teve até aos dias de hoje e como é que a mesma se dispersou.

Durante a realização do presente estudo, com o objetivo de localizar as obras da Academia não identificados nos instrumentos de acesso, procedeu-se ao estudo do catálogo de 1883 de modo a compreender de que modo é que alguns dos exemplares, que pertenceram à Academia Politécnica do Porto, se encontram distribuídos fisicamente na atualidade. Assim, foi realizado um inventário de parte da documentação da Academia, com a indicação da sua localização atual, para que ficasse claro o modo como este sistema se dispersou.

Paralelamente, existiu um trabalho de catalogação de alguns dos livros que se encontram atualmente no piso 1 da biblioteca do Fundo Antigo da Universidade do Porto, na Reitoria, com o objetivo de perceber se nele existiam alguns exemplares da Academia. De igual modo, existiu ainda o trabalho de inventariação da Coleção de Botânica da Biblioteca da Faculdade de Ciências, que se encontra numa sala própria e inclui exemplares raros e de livro antigo e que, devido à sua relação com a Academia Politécnica, sugeria a possibilidade da existência de exemplares da mesma.

A análise do percurso da biblioteca da Academia e o seu estudo aprofundado reúne a informação existente acerca da mesma e acrescenta ainda alguns factos novos. Visto que a mesma levou à conclusão de que, atualmente, a documentação da Academia encontra-se espalhada por várias instituições, algumas das quais já identificadas, como a Reitoria da Universidade do Porto, a Faculdade de Ciências e a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto - contudo, é possível verificar a existência de outras, especialmente aquelas que se relacionaram diretamente com a Academia Politécnica. Deste modo, será necessário um trabalho minucioso e demorado para que se possa verdadeiramente perceber a dimensão do conjunto informacional que constituía a Biblioteca da Academia Politécnica do Porto.

O percurso da Academia moldou o sistema de informação da mesma e, apesar das dificuldades financeiras que sempre assombraram a instituição, esta conseguiu legar uma coleção rica aos seus sucessores. Através do estudo orgânico-funcional é possível perceber as mudanças efetuadas em prol do melhoramento do ensino e como a adição de novas áreas de estudo alteraram as necessidades da biblioteca da Academia.

O Fundo Antigo da Universidade do Porto trata-se, assim, mais do que uma coleção de documentos antigos dispostos por ordem cronológica, este incorpora sistemas de

informação oriundos de instituições que ao longo do tempo desenharam os traços do nosso presente. Estes subsistemas merecem o devido destaque e estudo aprofundado, pois estes demonstram a complexidade e riqueza incorporada num sistema que até agora tem sido observado no seu todo e, quando examinado de perto, a relevância foi sempre ao encontro da antiguidade dos exemplares.

Durante este estudo, existiu uma ideia que se revelou fundamental: a comunicação e coordenação. Dentro da Universidade do Porto é necessário apelar à comunicação e apostar na partilha de conhecimento. Os locais que possuem documentação da Academia Politécnica estão cientes do mesmo, no entanto falham em comunicar com os restantes elementos da universidade. A falta de normalização dos procedimentos em relação ao tratamento da documentação apresenta-se como uma grande falha, contudo parecem começar a existir esforços para uma convergência.

Referências:

- 2º Centenário da Academia Real da Marinha e Comércio da cidade do Porto 1803-1837. (2003). Porto: Reitoria da Universidade do Porto.
- Academia Politécnica do Porto. (1878-1911). Anuario da Academia Polytechnica do Porto. Porto: Typographia Central.
- Albuquerque, A. de A. e. (1937). O ensino da farmácia no Porto a partir de 1837. Porto: Universidade do Porto.
- Amante, M. J. (2010). Bibliotecas universitárias: conhecer para valorizar. Actas Do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 10. Retrieved from <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/issue/view/11>
- Anderson, T. (2007). Projecto de informatização, digitalização e divulgação do fundo bibliográfico antigo: relatório de actividades, no de 2006 a abril de 2007. Porto.
- Anselmo, A. (1997). Estudos de história do livro. Lisboa: Guimarães Editores.
- Anselmo, A. (n.d.). Fronteiras da história do livro. Revista Da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10362/682>
- Anselmo, A. (1991). História da edição em Portugal. Porto: Lello & Irmão.
- Araújo, J. M. de, Bernardo, L. M., & Monteiro, M. (2012). 250 Anos da criação da Aula Náutica do Porto. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10216/64528>
- Azevedo, R. Á. de. (1981). O Porto na época moderna: da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto à Academia Politécnica do Porto. Revista de História, 4, 133–150. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10216/13550>

- Bernardes, J. A. C., Miguéis, A. M. E., & Ferreira, C. A. S. (2015). A biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1045-0>
- Barreto, A. D. E. A. (1994). A questão da informação. *Revista São Paulo Em Perspectiva*, 8(4).
- Basto, A. de M. (1987). *Memória histórica da Academia Politécnica do Porto*. Porto: Universidade do Porto.
- Borges, M. M. (2015). Bibliotecas universitárias: jogos de luz e sombras. In *A biblioteca da universidade: permanência e metamorfoses* (p. 197).
- Brophy, P. (2005). *The academic library* (2nd ed). London: Facet.
- Carvalho, A. S. G. de. (1937). *A matemática na Academia Politécnica do Porto*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- Cerveira, E. (1996). Bibliotecas, bibliotecários e “bibliotequices.” In *Da memória do Mundo* (pp. 121–124). Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Biblioteca Central.
- Cohen, L. (1994). *Research methods in education* (Fourth edi). London: Routledge.
- Corrêa, A. A. M. (1937). *Os estudos de Antropologia na Academia Politécnica do Porto*. Porto: Enciclopédia Portuguesa.
- Coutinho, C. P. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355–379. Retrieved from <http://hdl.handle.net/1822/10148>
- DELTCI. (2007). Biblioteca. Retrieved from <https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/1682>
- DELTCI. (2007). Documento. Retrieved from <https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/1708>
- DELTCI. (2007). Informação. Retrieved from <https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/1725>
- DELTCI. (2007). Sistema. Retrieved from <https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/1758>
- DELTCI. (2007). Sistema de Informação. Retrieved from <https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/1759>
- DELTCI. (2007). Organização e Representação da Informação. Retrieved from <https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/1747>
- Descrição bibliográfica internacional normalizada (ISBD): edição consolidada. (2012). Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Faria, M. I., & Pericão, M. da G. (1999). *Novo dicionário do livro: da escrita ao multimédia*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- FCUP. (n.d.). Fundo Antigo FCUP. Retrieved from <https://www.fc.up.pt/fa/>
- FCUP. (n.d.). História da FCUP: Aula de Debuxo e Desenho. Retrieved from https://sigarra.up.pt/fcup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1019868
- FCUP. (n.d.). História da FCUP: Aula de Náutica. Retrieved from https://sigarra.up.pt/fcup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1019828

- FCUP. (n.d.). Relatório do Grupo de Trabalho para o estudo do Fundo Antigo da UP. Retrieved from https://sigarra.up.pt/fcup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=*fundo%20antigo
- Fernandes, M. D. R. da R. (2017). Valorização do fundo antigo da Biblioteca do Ministério dos Negócios Estrangeiros: projeto de digitalização. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10451/27903>
- Guerreiro, D., & Borbinha, J. L. (2015). O livro antigo na era digital. 12º Congresso Nacional BAD. Retrieved from <https://goo.gl/CRb8Ur>
- Harris, M. H. (1999). *History of libraries in the western world* (4th ed). Lanham: Scarecrow Press.
- Herrera Morillas, J. L. (2004). *Tratamiento y difusión digital del libro antiguo: directrices metodológicas y guía de recursos*. Gijón: Trea.
- IFLA. (1985). *ISBD(A): Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada das Monografias Antigas*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- IFLA. (2001). *Directivas para uso do UNIMARC no tratamento de monografias antigas*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Jeffreys, A. (1980). *Cataloguing and classification: the anglo-american concordance*. In *University library history: An international review*. New York: K.G.Sauer.
- Labarre, A. (1981). *História do livro*. São Paulo: Cultrix.
- Le Coadic, Y. (1994). *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos.
- Leite, I. P. (2011). *Tesouros bibliográficos da Universidade do Porto (1493-2011)*. Porto: Universidade do Porto.
- Lerner, F. (1998). *The story of libraries: from the invention of writing to the computer age*. New York: Continuum.
- Lima, A. P. de. (1937). *A Botânica na Academia Politécnica do Porto*. Porto: Enciclopédia Portuguesa.
- Litton, G. (1976). *A documentação*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Lopes, F. de M. (1925). *O Porto e a sua Universidade*. Porto: Tipografia da Enciclopédia Portuguesa.
- Machado, A. (1937). *A Zoologia na Academia Politécnica do Porto*. Porto: Enciclopédia Portuguesa.
- Manata, A. (2006). *Livro Antigo*. Retrieved from <https://goo.gl/47wgQR>
- Manual UNIMARC: formato bibliográfico. (2008) (3a ed). Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Marcos, I. M. (2014). *Tratamento técnico de monografias antigas*. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10400.2/4898>
- McGarry, K. J. (1984). *Da documentação à informação: um contexto em evolução*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mcmurtrie, D. C. (1997). *O livro: impressão e fabrico* (3ª Ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Meirinhos, J. (2006). *Editores, livros e leitores em Portugal no século XVI: a colecção de impressos portugueses da BPMP*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Pelouro da Cultura e Turismo.

- Pedraza Gracia, M. J. (2003). Algunas reflexiones sobre la tasación del libro antiguo como actividad documental. *Anales de Documentación*, 6, 221–239. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/635/63500614.pdf>
- Pinto, A. A. G. de S. (1987). *A Física na Academia Politécnica do Porto*. Porto: Enciclopédia Portuguesa.
- Pinto, H. (2011). A Academia Politécnica do Porto (1837–1911), uma breve descrição. *Boletim Da Sociedade Portuguesa de Matemática*, 65, 40–42. Retrieved from <http://revistas.rcaap.pt/boletimspm/article/view/733>
- Portugal, B. N. (2009). *UNIMARC Formato Bibliográfico: Versão abreviada da Edição de 2008*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Ribeiro, F. (2015). As bibliotecas universitárias: seu papel de mediação para o acesso ao conhecimento na era digital. In *A biblioteca da universidade: permanência e metamorfoses* (p. 147). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, F., & Fernandes, M. E. M. (2001). *Universidade do Porto: estudo orgânico-funcional: modelo de análise para fundamentar o conhecimento do sistema de informação arquivo*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto.
- Rodrigues, A. J. A. (1937). *Um século de ensino de engenharia no Porto*. Porto: Tipografia Porto Médico.
- Salgado, J. P. (1937). *A Química na Academia Politécnica do Porto*. Porto: Enciclopédia Portuguesa.
- Santos, C. dos. (2006). O Porto e a instrução pública: a Academia Real da Marinha e Comércio (1803-1837). In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10216/8971>
- Santos, C. dos. (2011). *História da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto.
- Santos, C. dos. (2007). *Para a História da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto.
- Santos, C. dos. (1996). *Universidade do Porto: raízes e memória da instituição*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto.
- Santos, J. M. (2013). O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 8(2), 175–183. Retrieved from <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237/235>
- Silva, A. M. da. (2006). *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, A. M. da. (2015). Arquivo, biblioteca, museu, sistema de informação: em busca da clarificação possível... *Cadernos BAD*, 103–124. Retrieved from <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1482>
- Silva, A. M. da. (2013). Ciência da informação e comportamento informacional: Enquadramento epistemológico do estudo das necessidades de busca, seleção e uso. *Prisma.Com*, 21, 1–43. Retrieved from <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/2659>

- Silva, A. M. da. (2014). O Método Quadripolar e a Pesquisa em Ciência da Informação. *Prisma.Com*, 26, 27–44. Retrieved from <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/3097>
- Silva, A. M. da. (2017). Que ciência da informação precisamos para enfrentar a complexidade? *PontodeAcesso*, 11(1), 85–114. Retrieved from <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/23177>
- Silva, A. M. da, & Ribeiro, F. (2002). *Das “ciências” documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo formativo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, D. R. da. (1937). *As Ciências Geológicas na Academia Politécnica do Porto*. Porto: Enciclopédia Portuguesa.
- Silveira, N. F. (2014). Evolução das bibliotecas universitárias: information commons. *Revista ACB: Biblioteconomia Em Santa Catarina, Florianópolis*, 19(1), 69–76. Retrieved from <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/923>
- Thompson, J. (1980). *University library history: An international review*. New York: K.G.Sauer.
- Universidade do Porto. (1937). *O ensino na Academia Politécnica*. Porto: Universidade do Porto.
- U.PORTO. (n.d.). *Antecedentes da Universidade do Porto*. Retrieved from https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=122251

Covering atrocity: o poder de atração das imagens violentas

Nilton Marlúcio de Arruda,
Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada
Universidade Fernando Pessoa

Em tempos de comunicação móvel, parece que as velhas práticas da tragédia grega estão de volta. Há algo de estranho em comum entre o século V a.C. e a interatividade tecnológica dos dias atuais: exposição sem critérios de imagens de horror. A representação trágica que ocorria nos palcos a partir dos tragediógrafos como Ésquilo, Sófocles e Eurípedes encontra-se banalizada nas telas móveis da chamada geração smartphone. Há que se verificar uma gravidade a mais nesta espécie de reedição do sensacionalismo imagético: o poder de rejeição e/ou de compartilhamento do espectador é bem maior. No entanto, o que se vê é o encantamento do sujeito pelas imagens de horror e o aumento do poder de impacto das cenas violentas, conforme demonstram os resultados da pesquisa, no item: “Quanto ao tipo de imagem que preferem postar”.

Artigo inspirou-se numa campanha publicitária alemã “Sei Kein Gaffer” (“Não seja curioso”), de 2016 da agência de notícias Deutsche Welle, que chama a atenção para o registro de imagens de pessoas em situação de emergência, em função do excesso de fotografias de acidentes feitas com telefone celular. Além disso, algumas imagens de primeira página dos jornais também motivaram esta reflexão sobre os limites para publicação e partilha de imagens de horror.

Empiricamente pesquisa com 400 usuários de smartphone, que têm o hábito de partilhar imagens desta natureza, buscou entender suas motivações para divulgar imagens violentas e com que frequência partilha a dor e sofrimento alheio como forma de interação digital com o mundo.

Fundamentos Teóricos: O elemento visual que facilita a leitura das pessoas também tem o poder de espantar o indivíduo. Assim, a imagem de horror, tão amplamente compartilhada pelos meios virtuais, tem evidenciado esta espécie de paradoxo. Ao mesmo tempo em que se espanta com uma imagem violenta, o usuário parece não resistir à tentação de divulgá-la em suas redes de relacionamento. Se toda fotografia

é um véu que protege o espectador do horror (DIDI-HUBERMAN, 2012), então o “frenesim de imagens” e a violência para fins sensacionalistas (LIPOVETSKY e SERROY, 2010) estariam admitidos. Não é bem o que mostra a tragédia grega em deixar fora de cena as imagens fortes (ARISTÓTELES, 1998).

Do filósofo têm-se os exemplos clássicos do cuidado com a exposição de imagens violentas: a morte de Jocasta e a cegueira de Édipo, além da sua crítica à tragédia grega por conta das cenas explícitas de horror. Ou seja, não se devem mostrar imagens que chocam. Do segundo, o aviso para os riscos contidos numa imagem e o apelo para que a denúncia do horror ocorra sem imagens apelativas. Apesar de tudo que compõe seu profundo trabalho sobre as fotografias tiradas em Auschwitz, um dos campos de concentração vítimas do holocausto.

A responsabilidade que se percebe em alguns documentários cinematográficos, de não se mostrar imagens violentas, nem sempre está presente no jornalismo contemporâneo. Muitas cenas de horror, fomento da agressividade cotidiana, utilização de símbolos e clichês de violência nas imagens são marcas de um modelo de sensacionalismo noticioso que abusa das imagens em suas primeiras páginas.

Da mesma forma, a banalização da exposição da violência também tem-se intensificado com a facilitação oferecida pelas tecnologias digitais. Afinal, três em cada quatro jovens com um aparelho smartphone nas mãos admitem a preferência por imagens de choque na hora de compartilhar. No entanto, desde a Antiguidade clássica tem-se clareza de que há que se mostrar sem mostrar ou expor aquilo que se deve por bem esconder. Há que se pensar nos impactos naquele que é bombardeado diariamente por este turbilhão de imagens: o indivíduo.

Objetivos: O principal objetivo deste artigo é analisar o comportamento de jovens quanto ao compartilhamento de imagens violentas em suas redes virtuais de relacionamento. Assim, pretende-se entender suas motivações para expor fotografias que normalmente espantam as pessoas em função do horror retratado. Especificamente, o trabalho tem os seguintes objetivos secundários: Revistar a literatura sobre o tema, notadamente no período da Antiguidade Clássica grega; Comparar com as práticas de utilização de imagens do jornalismo contemporâneo; Mensurar empiricamente as atitudes daqueles jovens, por meio de pesquisa quantitativa.

Método: Teoricamente o artigo baseia-se nas conexões entre diversos autores e conceitos que abordam a questão da imagem e seu poder de influência no indivíduo. A parte empírica conta com o resultado de pesquisa aplicada a 400 jovens, homens (46%) e mulheres (54%), com idade entre 18 e 25 anos, usuários de redes virtuais, com escolaridade diversa (ensino médio – 28% -, licenciatura – 48% - e mestrando – 24%.

Através de questionário e entrevistas individuais, os respondentes opinaram sobre tipos de imagens que costumam compartilhar em suas redes, frequência e regularidade com que repassam estas fotografias, suas motivações pessoais para tais atitudes e, finalmente, suas reações à campanha alemã que desestimula fotografar pessoas em situação de constrangimento.

Resultados: Dos 400 entrevistados, 92% admitiram já ter postado imagens violentas em redes sociais. Com que frequência? Diariamente (12%), três vezes por semana (26%), uma vez na semana (41%) e raramente (21%). Para quem costuma compartilhar? Somente para grupos de amigos (65%), indiscriminadamente (18%) e para destinatários específicos (17%). Cruzando-se os dados de frequência e destinatário, descobre-se que aqueles que divulgam imagens de horror com maior frequência correspondem a 88% dos que enviam de forma indiscriminada.

Quanto ao tipo de imagem que preferem postar, as respostas são bem impactantes. Flagrantes de acidentes em estradas (32%), cenas de guerra (26%), tragédias humanas - terremotos, enchentes, incêndios – (23%), violência urbana – assaltos, brigas, tiroteios (21%). Entre o horror e a normalidade, as imagens com violência têm a preferência dos entrevistados: 76% contra 24%.

Com relação às motivações para tais comportamentos, a maioria disse que está a procura de *likes* e reconhecimento (64%), outros querem prestar informações úteis (25%) e o restante o faz para marcar presença nas redes (11%). E que tipos de reconhecimento são esperados? Esta pergunta foi respondida apenas por aqueles que fizeram esta declaração. E a resposta foi a seguinte: bem informado (42%), espírito comunitário (28%), sensível (18%) e preocupado com o outro (12%).

Apresentados à campanha da agência de notícias *Deutsche Welle*, - “*Sei Kein Gaffer*” (“Não seja curioso”) -, os entrevistados apresentaram as seguintes reações: “não tinha

noção da gravidade destes atos” (38%), a “curiosidade fala mais alto” (22%), “é uma forma de colaborar” (18%), “divulgar antes dos outros” (14%) e não sabem o que dizer (8%). Esta publicidade, de 2016, reclama do registro de imagens de pessoas em situação de emergência, em função do excesso de fotografias de acidentes feitas com telefone celular.

Cabe resgatar o depoimento de Silvia Darmstädter, da Associação de Bombeiros da Alemanha, para a campanha:

A dignidade de uma pessoa é inviolável. E isto vale para pessoas que estão em uma situação de emergência, porque as pessoas que estão em uma situação de emergência, na qual você não tem qualquer controle, pessoas que estão em uma situação de emergência, você está prensado num carro logo após um acidente, está sofrendo com as dores e precisa sair daquele local, e alguém chega e tira uma foto.

De acordo com a narração da campanha, é ilegal registrar imagens de pessoas em vulnerabilidade na Alemanha. Apesar disso, bombeiros e policiais relatam que a prática é cada vez mais frequente. “Porque todas as pessoas hoje têm um celular com uma câmara. Quanto mais chocantes são os vídeos, mais a atenção o autor do registro terá”. E, ao final, a locução é contundente: “imagine se é você, sua mãe, seu pai, ou o filho que está caído no chão. Você gostaria que eles fossem filmados?”.

À luz da revisão literária, as explicações para tais comportamentos justificam-se pela necessidade de ser protagonista, pelo fenómeno do “mundo ecrã” onde o indivíduo atua como repórter, pelo narcisismo em busca de fama e pela banalização das imagens de horror. Algo que se verifica desde a Antiguidade clássica (teatro grego) aos jornais de hoje.

Referências:

- ARISTÓTELES - **Retórica**. 2ª ed. Lisboa: Casa da Moeda, 1998. ISBN 972-27-1377-9
- BARTHES, Roland - **O óbvio e o obtuso**. 8ª ed. Lisboa: Edições 70, 2009. ISBN 978-972-44-1575-8
- BAZIN, André - **O cinema: ensaios**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. ISBN 85-11-22033-X
- BREDEKAMP, Horst - **Teoria do acto icónico**. Lisboa: KKYM, 2015. ISBN 978-989-99-3937-0
- CARDOSO, Gustavo - **A sociedade dos ecrãs. Sociologia dos ecrãs, economia da mediação**. Lisboa: Tinta-da-China, 2013. ISBN 978-989-67-1154-2
- DIDI-HUBERMAN, Georges - **Images malgré tout**. Lisboa: KKYM, 2012. ISBN 989-976-841-3

KRAUSS, Rosalind E - **O fotográfico**. 5ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2014. ISBN 978-856-59-8561-1

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean - **O ecrã global**. Lisboa: Edições 70, 2010. ISBN 978-972-44-1555-0

MAFFESOLI, Michel - **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998. ISBN 978-853-26-2078-7

PLATÃO - **A República**. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972. ISBN 978-972-80-4716-0

SÓFOCLES - **Rei Édipo**. Lisboa: Edições 70, 1995. ISBN

Sei kein gaffer (2016). **Campanha publicitária**. Realização da agência de notícias da Alemanha Deutsche Welle (DW). Disponível em www.dw.com (acesso em 13/01/2018).

Imagem e sujeito: o que há de comum entre o cinema e o jornalismo

Nilton Marlúcio de Arruda

Orientadores: Eduardo Paz Barroso, Rui Estrada

Universidade Fernando Pessoa

Desde a Antiguidade Clássica grega o fenómeno da imagem provoca reflexões a respeito de seus impactos no indivíduo. A relação dos apelos visuais com a verdade do mundo real e as sombras da realidade, a partir do que é projetado, têm ocupado sistematicamente debates sobre o papel da imagem no desenvolvimento dos sujeitos comuns. Imagem é um fator de civilização ou pode ser utilizada para encobrir a verdade? Da “Caverna de Platão”, em *A República*, ao jornalismo contemporâneo, que funções a imagem têm exercido junto às pessoas? Representação ou imitação do real?

A proposta deste artigo é refletir sobre a utilização de imagens pela comunicação social. Assim, foram analisadas seis obras cinematográficas nas quais os critérios para a exposição das imagens são bastante rigorosos, muito em função das questões citadas acima. *Saul Fia* (László Nemes), *Shoah*, *O último dos injustos*, *The Karski Report - O Relatório Karski* - (Claude Lanzmann), *Hitler: Um filme da Alemanha* (Hans Jürgen Syberberg) e *A imagem que falta* (Rithy Pahn) são os filmes e documentários objetos deste estudo. Após a análise sobre o papel da imagem como testemunho da história, a discussão remete ao jornalismo que se pratica nos dias de hoje, considerando-se os mesmos questionamentos: representa ou imita a realidade? Que funções são exercidas sobre o leitor e que sentimentos são provocados no indivíduo?

Fundamentos Teóricos: “Nós nunca vivemos tanto na Caverna de Platão como hoje. Hoje é que nós estamos a viver de facto na Caverna de Platão. Porque as próprias imagens que nos mostram na realidade, então de alguma maneira, substitui a realidade...”. O depoimento do escritor José Saramago, em entrevista televisiva no ano de 2001, resume bem o fio condutor que se deseja para a elaboração deste artigo. Imagem e jornalismo ou jornalismo e imagem, numa espécie de encontro inseparável, necessitam voltar à alegoria platônica caso desejem libertar-se das cavernas de hoje em dia. E entre ambos – *A República* e a imprensa – há que se adentrar às salas de

projeção para, no escurinho do cinema, tentar enxergar a luz transformadora da imagem.

A trajetória que justifica esta linha editorial baseia-se em seis dimensões observadas sobre o fenómeno da imagem desde a Antiguidade clássica até o jornalismo que se pratica no século XXI. De forma cíclica, a viagem faz o seguinte itinerário: a imagem e sua relação com a realidade e a verdade, as sombras (d)e realidade, o convívio da imagem com a escrita, a exposição do horror, o imaginário coletivo e a imagem que mobiliza o indivíduo. Dezenas de autores e seus diversos conceitos foram o fundamento de costura entre as diferentes épocas, as inúmeras interpretações e a multiplicidade de caminhos para se abordarem a questão do jornalismo contemporâneo e da imagem.

A relação da imagem com o mundo real possibilitou encontros teóricos inimagináveis: cinema (BAZIN, 1991), retórica (ARISTÓTELES, 1998), horror (DIDI-HUBERMAN, 2012), acto icónico (BREDEKAMP, 2015) e retórica da imagem (BARTHES, 2009). Cenas e recortes de alguns filmes e documentários também tomaram o set de gravação (melhor: de construção textual) do raciocínio que encontra abrigo na caverna de Saramago: “estamos a viver de facto...” em Platão. Tantos séculos depois.

A dimensão sobre sombras e marionetes da realidade também mantém em cena diversos autores citados no parágrafo anterior, além de novos agentes de viagem entre o século V a.C. e o noticiário de hoje em dia. São eles: ecrã global (LIPOVETSKY e SERROY, 2010), contra a comunicação (PERNIOLA, 2004), jornalismo (DINES, 1996), imprensa e história (MELO, 2012) e fotografia (SONTAG, 1977). Da mesma forma que o tópico que analisa o confronto entre a imagem e a escrita também apresenta novas pontes: a “teatralidade” (BARTHES, 2009), na qual a visão é ampliada pela força da fotografia, remete ao “acto icónico” (BREDEKAMP, 2015), além de ligar a “retórica” dos discursos à utilização de imagens para persuadir (ARISTÓTELES, 1998).

A entrada em cena de imagens do horror (ou a responsabilidade em evitar uma violenta exposição) resgata antagonismos e coincidências. O acalorado debate entre DIDI-HUBERMAN e outros ensaístas traz como imagens de pintura as experiências de Saul Fia e Shoah, dois documentários sobre o Holocausto. E não escapam das lições de ARISTÓTELES em não expor as cenas da morte de Jocasta e da agressão de Édipo, por exemplo. Se uma imagem que falta (outro documentário) não faz falta à compreensão do espectador, é sinal de que a utilização das possibilidades visuais tem que ser realizada da forma mais criteriosa possível.

E como, então, é construído o coletivo imaginário? A reflexão passa pelas exageradas cenas de violência da tragédia grega tão criticadas por ARISTÓTELES e chega à questão política onde a sedução, por meio da emoção, é mais forte que a convicção ideológica (MAFFESOLI, 1998). Da fuga da caverna a fim de criar o hábito de ver o mundo superior (PLATÃO, 1972) à necessidade da “literacia da media” (CARDOSO, 2013), a imagem deve servir para a mobilização do “sujeito-leitor” (BARTHES, 2009). Diferentes caminhos que se confundem, muitas vezes, como labirintos sem saídas e percorrem um itinerário cíclico. Eis a questão da imagem e do jornalismo (e vice-versa) que esta reflexão pretende tecer.

Objetivos: Da obra de Platão às primeiras páginas do noticiário atual, cabe promover uma profunda reflexão sobre o que se passa com a sociedade contemporânea em tempos de informação e de conhecimento em plena era da interação. O sujeito estaria de volta à alegoria da caverna? A presença da imagem nos periódicos, em profusão e com forte apelo emocional, tem contribuído para o desenvolvimento do indivíduo? A fim de suportar esta reflexão, o artigo tem como objetivo geral analisar as formas de utilização de imagens por um dos meios mais impactantes e sensibilizadores: cinema, tanto ficcionista quanto em formato de documentário. Especificamente, o trabalho elencou seis obras cinematográficas nas quais a exposição de imagens se dá de maneira bastante criteriosa e emblemática.

Metodologia: Como suporte teórico, o artigo baseia-se na revisão literária a partir, principalmente, das seguintes obras: Imagens apesar de tudo (DIDI-HUBERMAN, 2012), O grande ecrã (LIPOVETSKY e SERROY, 2010), Sociedade dos Ecrãs (CARDOSO, 2013), Contra a comunicação (PERNIOLA, 2004), Teoria do acto icónico (BREDEKAMP, 2015), A retórica da imagem (BARTHES, 2009). Obras clássicas como A República (PLATÃO, 1972) e Retórica e Poética (ARISTÓTELES, 1998), também ilustram esta reflexão sobre o papel da imagem em relação aos espectadores. Metodologicamente, a proposta é correlacionar os tratamentos e as formas de utilização das imagens na Antiguidade clássica grega, no cinema do século XX e nos demais meios de comunicação contemporâneos. Ou seja, se na tragédia grega tudo acontecia fora do palco, de forma a preservar os espectadores do horror, nos atuais veículos de comunicação as imagens dramáticas são cada vez mais expostas a fim de atrair o sujeito recetor. Neste sentido, cabe ressaltar a importância da literacia mediática, visto que os indivíduos estão cada vez mais sendo impactados por imagens fortes

(no cinema, no jornalismo, na internet). Investir na educação dos usuários dos meios de comunicação é uma forma de prepara-los para a aplicação da sua visão crítica, a fim de desenvolver a sua capacidade de interpretação mais criteriosa a respeito dos conteúdos que recebe diariamente.

Resultados: Sem investigação empírica, o artigo apresenta como resultados as impressões do autor após imersão na revisão literária e na análise crítica das obras cinematográficas selecionadas como objeto de estudo para a elaboração deste trabalho. Ou seja, na percepção do autor, a utilização de imagens pelos meios de comunicação social vem seguindo uma estratégia de exposição do terror. Na comparação entre o cinema e o jornalismo, tem-se, no entanto, diferentes percepções sobre a exposição deste tipo de imagens. Algumas obras cinematográficas (Saul Fia, por exemplo) utilizaram imagens de impacto a fim de testemunhar as suas tragédias e influenciar para que algo similar não se repita na história. Outras (Shoah e A Imagem que falta) optaram por não expor imagens de horror para o espectador, utilizando-se dos testemunhos orais como forma de denúncia. No jornalismo, entretanto, cada vez mais, as primeiras páginas estão repletas de imagens fortes, divulgadas à exaustão e de maneira repetitiva. Fotografias dos atentados às Torres Gêmeas (2001), menino sírio morto numa Praia da Turquia (2015), vítimas fatais dos incêndios em Portugal (2017) são algumas destas evidências. Tal conclusão justifica-se pelo entendimento de que as motivações (ideológicas, políticas, de entretenimento, comerciais, etc.) e as responsabilidades dos realizadores têm sido determinantes para a aplicação de imagens como fator de persuasão, domínio e mobilização dos indivíduos. Outra conclusão aponta para a necessidade de se investir mais na literacia dos recetores (leitores, espectadores e internautas), a fim de o recetor melhore a sua capacidade de interpretação criteriosa diante do uso de imagens violentas que recebe pelos meios de comunicação.

Referências:

- Aristóteles (com Júnior, M., Alberto, P., Pena, A.). (1998). *Retórica*. 2ª ed. Lisboa, PT: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998. ISBN 972-27-1377-9
- Barthes, R. (2009). *O óbvio e o obtuso*. 8ª ed. Lisboa, PT: Edições 70. ISBN 978-972-44-1575-8
- Bazin, A. (com Ribeiro, E.; Xavier, I.). (1991). *O cinema: ensaios*. São Paulo, BR: Editora Brasiliense. ISBN 85-11-22033-X
- Bredenkamp, H. (com Figueira, J., Silva, V., Morão, A.). (2015). *Teoria do acto icónico*. Lisboa, PT: KKYM. ISBN 978-989-99-3937-0

- Cardoso, G. (2013). *A sociedade dos ecrãs. Sociologia dos ecrãs, economia da mediação*. Lisboa: Tinta-da-China. ISBN 978-989-67-1154-2
- Didi-Huberman. (2012). G. *Images malgré tout*. Lisboa, PT: KKYM. ISBN 989-976-841-3
- Dines, A., *O papel do jornal: uma releitura. Novas buscas em comunicação*. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1996. ISBN
- Krauss, R. E. (2014). *O fotográfico*. 5ª ed. Barcelona, ES: Editorial Gustavo Gilli. ISBN 978-856-59-8561-1
- Lipovetsky, G.; Serroy, J. (2010). *O ecrã global*. Lisboa, PT: Edições 70. ISBN 978-972-44-1555-0
- Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, BR: Vozes. ISBN 978-853-26-2078-7
- Melo, J. M. (2012). *História do jornalismo: itinerário crítico, mosaico contextual*. São Paulo, BR: Paulus. ISBN 978-989-64-3004-7
- Perniola, M. (2004). *Contra a Comunicação*. Lisboa, PT: Editorial Teorema. ISBN 972-695-633-1
- Platão (1972). *A República*. 7ª ed. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 978-972-80-4716-0
- Saramago, J. – Caverna. Janela da alma *in. Realização de João Jardim e Walter Carvalho*. 2001. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GpTuO6qym5w> [Data de acesso: 9 Nov., 2018].
- Sontag, S. (1977) *Ensaio sobre fotografia*. São Paulo, BR: Editora Schwarcz. ISBN 978-85-8086-579-0

Processos de comunicação e informação em plataformas digitais: criação de um protótipo para o Festival Guarnicê de Cinema

Juliana Campos Lobo, Orientadora: Maria João Antunes
Universidade de Aveiro

Um argumento razoável é que a humanidade tem vivido vários tipos de sociedade da informação, pelo menos desde a Era do Bronze, época marcada pela invenção da escrita na Mesopotâmia e em outras regiões do mundo (Floridi, 2010). Porém, isso não qualifica a revolução da informação, pois outro argumento convincente é de que apenas muito recentemente o progresso humano começou a depender fortemente da gestão eficiente e bem-sucedida do ciclo de vida da informação.

Ao se debruçar sobre a informação contemporânea, constata-se que ela está presente em seus mais diversos suportes e plataformas. Está na infosfera, que seria um ambiente informacional complexo, em que as pessoas produzem e consomem informação em uma velocidade surpreendente.

Esse processo de produção e consumo da informação coloca o Ser Humano como centro da discussão aqui proposta, sobretudo por explorar algumas faculdades que o constituem e que colaboram para a compreensão do lugar que a informação e a comunicação ocupam na contemporaneidade. Para tanto, toma-se um caso bastante particular, que é o Festival Guarnicê de Cinema, um evento que acontece anualmente na cidade de São Luís, Maranhão (Brasil) e que seus processos de comunicação e informação servirão de base para a criação de um protótipo de plataforma digital colaborativa.

A escolha por esse evento deve-se ao facto de ser um dos festivais de cinema e vídeo mais antigos do Brasil e do Maranhão, com mais de quatro décadas de existência. Ademais, seus processos de gestão da informação e da própria comunicação acontecem de forma deficiente, seja por conta da inadequação no gerenciamento do conteúdo, seja pelos próprios canais de comunicação utilizados. Em decorrência disso, a reutilização da informação, registro e preservação também se tornam processos problemáticos.

Ao longo da história, o registro informacional era feito (e ainda é) em suportes de variados tipos (pedra, pergaminho, papiro, papel, película, etc.), com técnicas de registro também variadas (pintura, impressão, gravação, fotografia, etc.). Em contrapartida, muitas informações e histórias estavam resguardadas por uma suposta tradição oral de grupos sociais e sujeitos anônimos. Contudo, com a utilização dos meios eletrônicos e digitais, percebeu-se “a independência ontológica da informação relativamente ao seu suporte material, tornando óbvia a facilidade de reprodução/cópia que as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) potenciaram” (Passarelli et al., 2014, p. 93).

Esses novos meios de preservação e interação, onde convergem várias mídias digitais que podem ser interligadas e elaboradas conjuntamente, configuram uma nova linguagem e um novo espaço de comunicação entre os utilizadores, e, porque não, uma nova relação com as suas memórias (Halbwachs, 2006).

Diante disso, esta proposta expõe parte de uma pesquisa realizada no âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, da Universidade de Aveiro e da Universidade do Porto, e centra-se nos processos de informação e comunicação do Festival *Guarnicê* de Cinema, a partir da concepção de uma plataforma digital colaborativa para o evento.

Metodologicamente, este estudo possui abordagem qualitativa, assumindo uma tendência interdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais. Paralelamente, relaciona-se a um modelo alternativo intitulado investigação-desenvolvimento. Esse tipo de metodologia está dividido em três formas: desenvolvimento de conceito, desenvolvimento de objeto e desenvolvimento ou aperfeiçoamento de habilidades pessoais enquanto utensílios profissionais (Van Der Maren, 1996).

Considerando a temática aqui apresentada, seu enquadramento se circunscreve na segunda forma, ou seja, no desenvolvimento de objeto, que propõe a solução de problemas formulados dentro de uma prática cotidiana. Enquanto investigação aplicada, é reconhecida como eficaz, pois promove soluções para os problemas (*ibid*).

Quanto aos meios de construção de dados, incluiu pesquisa de campo, com a realização de entrevistas semiestruturadas e grupos focais, além de pesquisas bibliográficas. Quanto à realização dos grupos focais, estes envolveram a participação de

intervenientes do Festival, incluindo organizadores do Festival, produtores, cineastas, críticos, público participante e professores de instituições académicas de São Luís/MA. Na ocasião, foram delineadas as principais demandas relacionadas aos processos de informação e comunicação do Festival.

Como resultado, tem-se a criação de um protótipo de plataforma digital colaborativa, a qual favorece a reunião, em uma mesma interface, de várias possibilidades disponíveis de comunicação e registro da informação referentes ao Festival *Guarnicê* de Cinema. Tal protótipo (versão beta), ainda que seja um produto inacabado, é um potencial modelo que pode vir a auxiliar na reflexão e interlocução entre os utilizadores e o seu presente/passado.

Referências:

- Brabham, D. C. (2008). Crowdsourcing as a Model for Problem Solving: an introduction and cases. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*. London, Los Angeles, New Delhi and Singapore, 14(1), 75-90. DOI: 10.1177/1354856507084420.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2001). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. (vol. 3). São Paulo: Paz e Terra.
- Floridi, L. (2010). *Information: A very short introduction*. New York: Oxford University Press.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.
- Lévy, P. (1997) *Collective Intelligence: Mankind's Emerging World in Cyberspace*. New York: Plenum.
- Lévy, P. (2007). *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. (6. ed.). São Paulo: Editora 34.
- Passarelli, B., Ribeiro, F., Oliveira, L., & Mealha, O. (2014). Identidade conceitual e cruzamentos disciplinares. Passarelli, B.; Silva, A. M.; Ramos, F. (orgs.) (2014). *e-infocomunicação: estratégias e aplicações* (pp. 79-121). São Paulo: Editora Senac.
- Primo, A. (2000). Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. *Revista Farmecos*, (12), 81-92.
- Van Der Maren, J. M. (1996). *Méthodes de Recherche pour l'Education*. (2. ed.). Bruxelles: DeBoeck Université.

Com o apoio de:

